

O MODERNO **JÁ** PASSADO | O PASSADO **NO** MODERNO
reciclagem , requalificação , rearquitectura

anais do 7º seminário do_co_mo_mo_brasil

porto alegre, 22 a 24 de outubro de 2007

Cinquenta anos depois: a atuação do Ipesp e dos arquitetos modernos paulistas na construção de edifícios escolares em São Paulo de 1959 – 1962: caracterização das condições atuais de conservação e preservação a partir da análise de exemplares selecionados

André Augusto de Almeida Alves

Arquiteto e Urbanista, Mestre em Estruturas Ambientais pela FAUUSP, aluno do programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, área de concentração História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo, nível de doutorado, da FAUUSP

Rua Visconde de Nassau, 279 ap. 1402 87020-030 Maringá, Pr

Tel/fax (44) 3224 9808

aaaalves@uem.br

Cinquenta anos depois: a atuação do Ipesp e dos arquitetos modernos paulistas na construção de edifícios escolares em São Paulo de 1959 – 1962: caracterização das condições atuais de conservação e preservação a partir da análise de exemplares selecionados

Como primeiro passo para a definição de diretrizes para a conservação e preservação do significativo acervo de prédios escolares públicos modernos produzidos pelo Ipesp – Instituto de Previdência do Estado de São Paulo – com a participação de muitos dos mais importantes arquitetos paulistas atuantes em São Paulo nos anos de 1950 e 1960, o artigo busca efetuar uma caracterização global das condições atuais de conservação e preservação desses edifícios, a serem encontradas por arquitetos, usuários e demais agentes sociais envolvidos na tarefa de intervir nestes espaços. Após uma breve introdução sobre a atuação do Ipesp e dos arquitetos modernos paulistas na produção de edifícios escolares, o artigo apresenta os resultados dos esforços de documentação do acervo que incluem novos dados quantitativos, de localização e autoria de projetos arquitetônicos, que demonstram a diversidade de proposições arquitetônicas elaboradas e discutidas naqueles anos. Esta diversidade de proposições é o principal objeto de análise do artigo, do ponto de vista de suas implicações na apropriação do edifício pelo usuário e no estado de conservação do conjunto de edifícios, abrangendo, por exemplo, concepções espaciais, plásticas e construtivas baseadas na aliança entre arquitetura moderna e técnicas construtivas tradicionais; concepções modernas marcadas por alto grau de estilização, propostas pragmáticas baseadas em técnicas e materiais amplamente experimentados, soluções formais de influência carioca ou baseadas no uso extensivo do concreto armado aparente. Para tanto, concentra-se em exemplares emblemáticos estudados a partir de fac-símiles dos projetos, da documentação arquivada pelo Ipesp sobre cada uma das etapas de projeto, construção e ocupação dos prédios e de visitas a eles realizadas. Finalmente, procura-se construir um panorama das principais questões verificadas, visando fornecer subsídios iniciais para a discussão sobre estratégias projetuais, de intervenção e gestão deste patrimônio histórico e artístico moderno.

Palavras-chave: arquitetura escolar , arquitetura moderna, São Paulo

As a first step toward the definition of directions for the conservation and preservation of the significant collection of public modern school buildings produced by the Ipesp - Instituto de Previdência do Estado de São Paulo – with the participation of many of the most important architects in São Paulo in the 1950's and 1960's, the article longs for a global characterization of the actual conditions of conservation and preservation to be found by architects, users and other social agents involved in the task to intervene in these spaces. After a brief introduction about Ipesp and the modern “paulista” architects’ action in the production of school buildings, the article presents the results of efforts of documentation that include new data about quantities, localization and authorship of projects, that demonstrate the diversity of architectural proposals discussed in those years. This diversity of proposals constitutes the focus of the analysis, which privileges its implications in the appropriation of the building by the user and in the state of conservation of the buildings, enclosing, for example, space, plastic and constructive conceptions based in the alliance between modern architecture and traditional techniques and materials; highly stylized modern designs; pragmatic proposals based in widely tried techniques and materials; designs of marked “carioca” influence or based in the extensive utilization of apparent reinforced concrete. In this way, emblematic exemplars are studied through facsimiles of original designs, Ipesp’s documentation files about each stage of the design, construction and occupation process and visits carried through them. Finally, the article includes a panorama of the main verified questions, aiming at to supply initial subsidies for the discussion about strategies for design, intervention and management of this historic and artistic modern heritage.

Keywords: school building, modern architecture, São Paulo

Cinquenta anos depois: a atuação do Ipesp e dos arquitetos modernos paulistas na construção de edifícios escolares em São Paulo de 1959 – 1962: caracterização das condições atuais de conservação e preservação a partir da análise de exemplares selecionados

1. Revisão historiográfica

A história da arquitetura escolar pública paulista vem constituindo-se sistematicamente em objeto de estudo de diversos pesquisadores, sejam eles provindos de instituições acadêmicas, de preservação do patrimônio histórico ou ligadas à produção de edifícios escolares públicos, estejam eles ligados ou não a programas de pós-graduação em arquitetura e urbanismo ou outras áreas.

Torna-se útil para a compreensão deste já volumoso conjunto de trabalhos que recuperam a trajetória histórica desta arquitetura assinalar a pioneira construção historiográfica empreendida por Artigas (1970). Mais do que o fato de que ela encontra na produção de edifícios escolares pelo Ipesp (Instituto de Previdência do Estado de São Paulo) o seu ponto final, este curto ensaio revela-se importante por outros dois aspectos. Em primeiro lugar, pela abrangência deste construto – abrangência relativa mais à problematização proposta e o recorte temporal dela resultante que às dimensões do trabalho –, no qual o autor parte da expansão do capitalismo europeu ao longo o século XIX em sua análise das iniciativas que marcaram “cada fase da luta pela educação nacional”, condicionadas “a um projeto nacional de desenvolvimento”. Uma abordagem que não escapará à percepção de dois dos principais autores dedicados ao tema na década de 1980 e início da década de 1990, Segawa (1988) e Wolff (1992), que seguindo aportes metodológicos próprios, retrocedem às últimas fases do período imperial para elucidar seus objetos de estudo – ao contrário de trabalhos contemporâneos ou posteriores que, dedicando-se proeminentemente à catalogação dos edifícios componentes deste acervo, valorizam o papel fundador arrogado pela, e usualmente conferido à República (CORRÊA et al., 1991)¹. Em segundo lugar, por constituir uma matriz explicativa que não se furta a oportunidade de afirmar valores, num momento de rearticulação e mesmo convergência das esquerdas após o endurecimento do regime militar, com o AI-5 (Alves, 2003)². Neste sentido, o ensaio une-se aos

¹ Note-se que, embora os trabalhos de Segawa e Wolff possuam grande interesse pelos esforços teóricos e metodológicos empreendidos e seus resultados, eles praticamente não são citados em trabalhos posteriores, sobretudo naqueles realizados no âmbito da sucessora da Conesp, a FDE (Fundação para o Desenvolvimento da Educação).

² Em sua dissertação de mestrado o autor explora os desdobramentos do debate arquitetônico paulista após o golpe militar, através do posicionamento de personagens como Vilanova Artigas, Flávio Motta, Lina Bo Bardi, Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre.

breves comentários de Fabio Penteado (1970) e Paulo Mendes da Rocha (1970) no mesmo número da revista *Acrópole*, a marcar a posição do grupo, frente à arquitetura brasileira³.

A contribuição da CECE (Comissão Executiva do Convênio Escolar) permaneceu, entretanto, em pauta⁴, contribuindo para isso artigos como o de Segawa (1986), que traz à tona o conteúdo inovador da proposta pedagógica de suas escolas, bem como o papel do educador Anísio Teixeira. Também reafirma e estende a análise baseada nos organismos promotores de prédios escolares lançada por Artigas, retoma a idéia de “grupo de trabalho” lançada por Rocha (1970) e confere a Artigas a elaboração da base da tipologia arquitetônica escolar que passaria a vigorar a partir de então em São Paulo.

Tal afirmação é reproduzida de forma mais entusiástica ou mais cautelosa ao longo dos vinte anos seguintes, como em Ferreira et al. (1998: 32), para quem projetos como os dos ginásios de Itanhaém e de Guarulhos “mudam a linguagem da arquitetura, alteram a concepção do espaço das escolas e tornam-se modelos para o conjunto de obras produzidas”, constituindo a produção do Ipesp “marcos significativos da arquitetura paulista, cuja referência decisiva foi, sem dúvida, alguns projetos de Vilanova Artigas”, projetos estes que “encerram um exemplo de como deve ser pensado o prédio público” e “disseminaram em nosso estado novas propostas estéticas e técnicas construtivas popularizando o que de mais avançado era produzido naquele momento”. Versão defendida por Valentim (2003) que lembra como tal participação é considerada por Artigas um ponto de inflexão na história da arquitetura paulista, quando os arquitetos privados começam a projetar equipamentos públicos, substituindo tesouras de madeira e alvenaria de tijolos por “protótipos do que a mais sofisticada técnica construtiva possibilitava realizar” (Valentim, 2003:

³ Numa manobra que não deixa de relativizar a contribuição da CECE. Apesar da divulgação imediata de suas realizações (Habitat, São Paulo, n. 4, p.3, setembro/dezembro, 1951) –, e das precoces tentativas de se historiar a sua atuação, as observações de Artigas limitam-se a focalizar “uma aproximação formal com a arquitetura que vinha sendo feita principalmente no Rio de Janeiro”, através do “trabalho dos arquitetos Hélio Duarte e Eduardo Corona”, mencionando os seus resultados: “perto de setenta unidades, foram levantadas pelo Convênio Escolar”.(ARTIGAS, 1970, p. 12). Sintomática é a ausência, nos trabalhos posteriores, de referências ao trabalho quase contemporâneo de Hélio Duarte, *Escolas-classe escola-parque: uma experiência educacional* (1973).

⁴ Embora o mesmo não possa ser dito da Comissão de Construções Escolares do Município de São Paulo, que caracterizou-se pela continuidade dos trabalhos da CECE após o fim do Convênio Escolar, com mudanças em seu corpo técnico. Sob a administração de Adhemar de Barros, a produção dessa comissão deu-se sob a égide de um reacionarismo que a historiografia parece julgar digno de ser relegado ao ostracismo, como demonstra o artigo de Freitas, segundo quem “a sociedade não estratificada, por estas razões de ordem biológica [‘sexo’, ‘constituição física morfológica’, ‘funcionamento endócrino (temperamento)’ e ‘outras diferenças nos constituintes dos cromossomas’], nunca existiu e nem existe”, ainda que “embora perante a lei sejam todos iguais salvo raras exceções” (1959: 4).

82). No tópico “Construindo um modelo”, afirma que “tanto em seus aspectos programáticos como construtivos, o ginásio de Itanhaém registra, com toda clareza que a arquitetura pode proporcionar, o preciso momento de mudança no caráter do edifício escolar paulista” (Valentim, 2003: 171).

Uma publicação sobre os prédios escolares da CECE e do Ipesp é editada por Ferreira e Mello (2006) A avaliação continua sendo de que “as escolas mais importantes, como as de Itanhaém e Guarulhos, de autoria de Vilanova Artigas, alteram a concepção do espaço e tornam-se referências arquitetônicas para o conjunto de obras produzidas (Ferreira e Mello, 2006: 18). Katinsky (2006: 37) revela maior moderação ao conferir papel de destaque a Artigas “com os Ginásios de Itanhaém, Guarulhos e o edifício da FAU na Cidade Universitária, que encontrou ressonância em muitos jovens arquitetos”, chamando a atenção, porém, para a ausência de um debate sobre a industrialização do estado e os rumos da educação, sendo que a ideologia didática pressentida por esse grupo “só foi formulada, em parte, pelo arquiteto [Artigas], mais de dez anos depois” – no já referido ensaio –, e mesmo assim, “não frutificou em um debate programático público”. Moderação que só aparentemente se repete em Wisnik (2006), pois identifica a “sólida tradição” a que se refere, ao suposto processo de transferência do protagonismo arquitetônico do Rio de Janeiro a São Paulo – o que necessariamente pressupõe a hegemonia desta vertente não só sobre as demais arquiteturas paulistas, como também brasileiras:

É claro que isso não significa que se tenha constituído um padrão homogêneo nos inúmeros projetos de escolas do Ipesp, mas é digno de nota o fato de ser possível enxergar em alguns desses projetos a emergência de uma sólida tradição arquitetônica em São Paulo, sob a liderança de Vilanova Artigas. (...) Está concentrada aí uma questão central para a arquitetura moderna brasileira: a passagem da arquitetura carioca à paulista durante a década de 1960, como eixo maior da produção nacional(...) (Wisnik, 2006, p.60)

2. Alguns dados sobre a produção do Ipesp

Apesar das diversas iniciativas empreendidas desde os trabalhos de Segawa (1986), lança promissoras bases para o estudo da arquitetura escolar paulista, nota-se que pouco se avançou em termos do aprofundamento de vários de seus aspectos.

Deve-se ressaltar que um exemplo das possibilidades encerradas pela pesquisa das fontes primárias disponíveis encontra-se em Ferreira et al. (2006). Se o “despreparo do funcionalismo” e os honorários “mediante os quais arquitetos de outros países não moveriam um dedo” (Artigas, 1970) desembocam na constatação de uma verdadeira “convocação aos arquitetos paulistas” (Valentim, 2003), agora a consulta a livros de atas do IAB-SP revela como Artigas e outros arquitetos propõem à coordenação do Plano de Ação Carvalho Pinto a elaboração de projetos por arquitetos privados. Artigas, em ata da assembléia de 08/09/1959, considera que o “convite feito recentemente pelo Ipesp a diversos arquitetos paulistas, na base de honorários injustos, ainda

significa um passo à frente no processo de reconhecimento do arquiteto como profissional”, defendendo a adoção de uma “atitude tática”, (Ferreira e Mello, 2006: 18).

Averiguações semelhantes merecem ser efetuadas sobre outros pontos importantes desta produção, como a escalação dos arquitetos. Neste sentido, deve-se atentar para o fato de que o Ipesp produz outros tipos de edificações públicas para segurança, saúde e apoio à produção agrícola. Tem-se notícias de projetos para prédios escolares, fóruns e unidades sanitárias elaborados por arquitetos privados, o que não significa que cesse o uso de projetos padronizados ou adaptações (repetições) destes novos projetos. Deve-se perceber também que a contratação de arquitetos não se limitava ao Ipesp, havendo também projetos contratados pela DOP. Ademais, deve-se lembrar a intensa atividade construtiva na CUASO (Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira), empreendida nestes anos. Assim, tem-se que Oswaldo Bratke desenvolve cerca de 3 projetos para o Ipesp – um deles de grande porte – mas também projetos para a Escola Politécnica da USP e o “core universitário” desta universidade (não construído); Rino Levi, apesar de não produzir projetos para o Ipesp, projeta o Centro Cívico de Santo André para a DOP e o Centro de Convivência da USP (não construído); Vilanova Artigas projeta os ginásios de Itanhaém, Guarulhos e Utinga para o Ipesp, além do prédio da FAUUSP, assim como Paulo Mendes da Rocha, Carlos Millan e Joaquim Guedes projetam prédios isolados para Cidade Universitária, além de dois ou três prédios escolares cada um, para o Ipesp; apesar de não haver até este momento da pesquisa notícias sobre projetos de obras públicas de Plínio Croce e Roberto Aflalo para além daqueles elaborados para o Ipesp, seu escritório destaca-se com oito projetos de prédios escolares, sendo um deles de grande porte; Salvador Candia projeta seis prédios escolares, um deles talvez o de maior porte edificado pelo Ipesp. Dados como estes, além de fornecerem subsídios para uma melhor aferição de afirmações sobre “modelos” e “tradições hegemônicas”, também permitem verificar a pertinência da transformação do “alguns recentemente saídos das Faculdades” de Rocha (1970, p. 35) no “a maioria dos escritórios participantes era constituída de arquitetos recém-formados” de Ferreira e Mello (2006: 19).

Atualmente, encontra-se em andamento pelo autor a execução de uma planilha sistematizando dados referentes à totalidade dos processos dedicados às edificações produzidas pelo Ipesp⁵. Tendo em vista os limites deste trabalho, apresentam-se aqui os dados relativos aos prédios

⁵ O autor teve acesso a uma “Relação de Próprios do Ipesp”. Do cruzamento das informações do levantamento de processos e desta relação, chegou-se a um total de 1400 processos. Destes, 76 levantados pelo autor não constavam da relação; 14 processos que constavam da relação, mas com anotações manuscritas que indicavam não estarem no arquivo, foram encontrados e levantados pelo autor; inversamente, 136 listados na relação não encontravam-se no levantamento do autor. Destes, as anotações manuscritas indicavam, a exemplo do levantamento, que 27 processos não estavam no arquivo. Estes processos devem ser consultados pormenorizadamente.

escolares contratados pelo Ipesp junto a escritórios privados, comparativamente ao levantamento efetuado por Ferreira e Mello (2006), visando estabelecer limites mais precisos a esta produção:

Tabela 1

Projetos de prédios escolares contratados a escritórios privados de arquitetura pelo Ipesp entre 1959 e 1962, incluídos com código errado em Ferreira e Mello (2006)

CÓDIGO FDE	TÍTULO DO PROJETO	CIDADE	AUTOR(ES)
05 49 6 01	Grupo Escolar de Holambra	Holambra	Elisario Bahiana
10 48 7 01	Grupo Escolar de Pracinha	Pracinha, Lucélia	João Clodomiro B. de Abreu
08 32 1 12	Grupo Escolar de São José do Rio Preto	São José do Rio Preto	Rodolpho Ortemblad Filho

Tabela 2

Projetos de prédios escolares SUPOSTAMENTE contratados a escritórios privados de arquitetura pelo IPESP entre 1959 e 1962, incluídos em Ferreira e Mello (2006)

CÓDIGO FDE	TÍTULO DO PROJETO	CIDADE	AUTOR(ES)
03 32 1 03	EE Professora Leonor Guimarães	Piquete	Helio Penteado

(Tabela fornecida pela CPOS classifica como construído pela DOP, ao mesmo tempo em que não foram encontrados processos de grupo escolar destinados à cidade no arquivo do Ipesp)

Tabela 3

Projetos de prédios escolares contratados a escritórios privados de arquitetura pelo IPESP entre 1959 e 1962, incluídos em Ferreira e Mello (2006) com autoria equivocada

CÓDIGO FDE	TÍTULO DO PROJETO	CIDADE	AUTOR(ES)
05 84 1 10	EE Prof. Benedita Arruda	Jundiaí	Plínio Croce e Roberto Aflalo

(na verdade, trata-se de projeto elaborado por Luis Contrucci)

Tabela 4

Processos IP relativos a projetos contratados pelo Ipesp com arquitetos, não constante do levantamento de projetos do autor, ordenados por data de ordem de serviço

PROCESSO	DATA	PROGRAMA	CIDADE	AUTOR	OS
31284	09/09/59	ge	Auriflama	Jon Maitrejean	27/01/59
26465	07/08/59	ge	Atibaia	João Batista Alves Xavier	07/10/59
45481	27/11/59	ge	São Paulo	Oswaldo Corrêa Gonçalves	02/12/59
32410	18/09/59	ge	São José do Rio Preto	Giancarlo Palanti	01/02/60
06478	15/02/60	ge	Indaiatuba	David Araújo Benedito Ottoni	17/02/60
10094	08/03/60	gin	Botucatu	Arthur Fajardo Netto	18/04/60
31579	11/09/59	gin	Pitangueiras	Renato Luiz Martins Nunes	18/04/60
10095	08/03/60	ge	Botucatu	Hélio de Queiroz Duarte	25/04/60
08093	23/02/60	col/ en	Nova Granada	Jorge Zalsupin	28/04/60
32278	17/09/59	ge	Ribeirão Pires	Nestor Lindenberg	04/05/60
16009	04/04/60	ge	Santa Cruz do Rio Pardo	David Libeskind	05/08/60
55591	01/09/60	ge	São Paulo	Giancarlo Gasperini	01/09/60
52044	23/08/60	ge	Pereira Barreto	João Batista Alves Xavier	13/03/61
00844	07/01/61	ge	Irapuru	Hirohiko Sawao	14/03/61
55493	01/09/60	ge	Bauru	Roberto Bratke	17/03/61
42186	25/07/60	col	Tupi Paulista	Maurício Nogueira Lima	29/03/61
70754	11/11/60	ge	Orlândia	Leo Ribeiro de Moraes	07/04/61
78817	26/12/60	ge	Piracicaba	Vicente Nigro	17/05/61
02109	14/01/61	ge	Sorocaba	Eduardo Corona	17/06/61
11981	09/03/61	ge	Piracicaba	Plínio Croce	19/06/61
11983	09/03/61	gin	Queluz	Hernani Russo	19/06/61
13706	15/03/61	ge	Campinas	Dácio B. Ottoni	23/06/61
21055	25/04/61	ge	São Bernardo do Campo	Paulo Mendes da Rocha	23/06/61
23860	12/05/61	ge	Guaicara	Sylvio Niemayer	26/07/61
34809	03/07/61	ge	Itaberá	Mário Simons Barbosa	16/11/61
46051	16/08/61	ge	Aparecida	Francisco Petracco	29/01/62
43214	03/08/61	ge	Sorocaba	Júlio José Franco Neves	26/03/62

ge=grupo escolar, gin=ginásio;

Escalação: data da definição e convite, por parte do Ipesp, do arquiteto;

OS: data da assinatura da ordem de serviço

Tabela 5

Projetos de prédios escolares contratados a escritórios privados de arquitetura pelo IPESP entre 1959 e 1962, não incluídos em Ferreira e Mello (2006), levantados pelo autor no acervo do Arquivo Técnico da FDE

CÓDIGO FDE	TÍTULO DO PROJETO	CIDADE	AUTOR(ES)
1 13 X XX	Grupo Escolar de Franco da Rocha	Franco da Rocha	Ariosto Mila e João Cacciola
3 07 X XX	Ginásio de Santa Branca	Santa Branca	Israel Galman
3 27 X XXa	Ginásio de Cunha	Cunha	Gregorio Zolko
4 47 X XX	G. E. Cel. Macedo	Itaporanga	Paulo Eduardo M. Oliveira
5 05 X XXa	Campinas	Campinas	Salvador Candia
5 26 X XX	Grupo Escolar de Valinhos	Valinhos	Oswaldo Corrêa Gonçalves
5 27 X XX	s/título	Vinhedo	Jorge Wilhelm
5 31 X XX	Grupo Escolar	Charqueada	Gian Carlo Gasperini
0 24 X XX	Grupo Escolar Mirante do Paranapanema	Mirante do Paranapanema	Zenon Lotufo e Ubirajara Ribeiro
0 28 X XX	Grupo escolar para a cidade Santo Anastácio	Santo Anastácio	Francisco A Saraiva Fanuelle
1 53 3 01			
0 44 X XX	Grupo Escolar Adamantina	Adamantina	Alberto Botti e Marc Rubin
4 31 X XX	G. E. Itapetininga Tipo I	Itapetininga	Noel S. Marinho
5 42 X XX	Grupo Escolar de Conchal	Conchal	Jorge Zalzuspin
5 84 X XX	Escola Jundiá IPESP	Jundiá	Plinio Croce e Roberto Aflalo
5 05 1 05	Grupo Escolar Vila Lemos Tipo III	Campinas	Oswaldo Bratke
5 05 1 12	Grupo Escolar em Campinas	Campinas	Rubens Carneiro Vianna
5 05 1 15	Grupo Escolar de Campinas Paróquia Imaculada	Campinas	Joaquim Guedes
5 14 1 05	Grupo Escolar	Mogi-Mirim	Arnaldo F. Paoliello, Fernando J. R. Moreira
0 12 7 03	Grupo Escolar Emilianópolis	Emilianópolis	Alberto Botti e Marc Rubin
0 13 1 09	Grupo Escolar em Presidente Prudente, Jardim Paulista	Presidente Prudente	João Clodomiro B. de Abreu, arquitetura; Waldemar Cordeiro, paisagismo
0 29 1 02	Grupo Escolar Tipo II	Teodoro Sampaio, Marabá Paulista	Carlos Alberto Cerqueira Lemos
0 54 1 04	Grupo Escolar Oswaldo Cruz	Oswaldo Cruz	Adolpho Rubio Morales
2 20 1 01	Ginásio	Eldorado Paulista	Pedro Paulo de Melo Saraiva
0 12 7 02	Grupo Escolar de Araxans	Araxás, Presidente Bernardes	João Francisco de Andrade
2 24 7 02	Grupo Escolar	Musácea, [Miracatu]	Walter S. Kneese
0 46 1 01	Ginásio Estadual	Flórida Paulista	Majer Botkowski
5 19 1 02	Grupo Escolar de Paulínia	Paulínia	Hoover Américo Sampaio
1 22 1 10	Grupo Escolar Jardim Mauá	Mauá	Jorge Nomura
1 30 1 01	ESI	Santa Isabel	Jon Maitrejean
1 34 1 01	Grupo Escolar em São Caetano	São Caetano do Sul	Rubens Carneiro Vianna
1 34 1 10	Grupo Escolar São Caetano	São Caetano do Sul	Alberto Botti
5 02 1 03	Grupo Escolar em Americana	Americana	Hernani Russo
5 05 1 16	Grupo Escolar de Campinas	Campinas	Plinio Croce e Roberto Aflalo
5 05 1 18	Ginásio São Bernardo	Campinas	Icaro de Castro Mello
5 05 1 23	Grupo Escolar Vila Estanislau	Campinas	Fabio M. Penteado
5 05 1 24	Grupo Escolar Jardim Aurélia Tipo 2	Campinas	Autuori, Monteiro, Zuccon arquitetos
5 46 1 05	Grupo Escolar de Pirassununga	Pirassununga	Autuori, Monteiro, Zuccon arquitetos
5 56 1 04	Grupo Escolar Rio Claro	Rio Claro	Plinio Croce e Roberto Aflalo
5 56 1 10	Grupo Escolar Rio Claro	Rio Claro	Otacílio Rodrigues Lima e Arnaldo Conceição Paiva Filho
5 84 1 06	Ginásio de Vila Arens	Jundiá	Luiz Forte Neto e Francisco Moreira
8 06 1 01	Grupo Escolar de Guapiaçu	Guapiaçu	José Maria Gandolfi
0 02 4 01	Grupo Escolar D. Ana Nery	Álvares Machado	Ubaldo Carpigieri
0 32 1 06	2o Grupo Escolar de Dracena	Dracena	Fábio Kok de Sá Moreira e Ruth Kok de Sá Moreira
1 07 1 05	Grupo Escolar Marília	Marília	Jon Maitrejean
1 02 1 02	Grupo Escolar Raposo Tavares	Barueri	Nestor Lindenberg
1 22 1 01	Grupo Escolar de Mauá	Mauá	Júlio José Franco Neves
5 41 1 09	Escola Primária Tipo II	Araras	Lucjan Korngold e Abelardo Gomes de Abreu
9 18 1 02	G. E. de Guararapes	Guararapes	Léo Grosman
1 23 X XXb	G. E. Mogi das Cruzes	Mogi das Cruzes	Gilberto Junqueira Caldas
5 05 X XXd	Grupo Escolar Souza	Campinas	Eduardo Kneese de Mello
5 09 X XXb	Ginásio Estadual de Indaiatuba	Indaiatuba	Autuori, Monteiro, Zuccon arquitetos
5 56 X XX	G. E. Saida de São Pedro	Rio Claro	Hoover Américo Sampaio
0 19 X XX	Grupo Escolar de Tarabay (então mun. de Pirapozinho)	Tarabai	Setsuo Kamada
1 23 1 05	Grupo Escolar	Mogi das Cruzes	Ney Marcondes
5 09 1 01	Colégio Estadual de Indaiatuba	Indaiatuba	Autuori, Monteiro, Zuccon arquitetos
5 32 2 01	Grupo Escolar de Iracemópolis	Iracemópolis	Jorge Zalzuspin
5 14 4 01	8	Grupo Escolar Martin Francisco	Mogi-Mirim

3. Análise preliminar da produção e estudo de exemplares selecionados

Torna-se patente, através da leitura dos dados acima, a diversidade que caracteriza a produção de prédios escolares pelo Ipesp, utilizando-se de projetos contratados junto a escritórios privados de arquitetura paulistanos.

Certamente poder-se-ia argumentar que tal diversidade, por si só, não implicaria necessariamente na negação de processos de configuração de vertentes hegemônicas ou mesmo mais significativas que as demais. No entanto, a análise da sequência cronológica dos processos não leva a tal conclusão; ao contrário, fornece um mapa claro do processo decisório referente à escalação dos arquitetos, visível já neste campo mais limitado dos prédios escolares do Ipesp.

3.1. Obras iniciais

Assim, verifica-se que os primeiros exemplares dessa produção são marcados pelo interesse em torno da relação entre tradição e modernidade. Destaca-se neste ponto a as nuances de posicionamentos que variam desde a preocupação com as implicações culturais no campo da construção de uma arquitetura nacional e/ou popular, até a opção pela utilização a mais correta dos materiais e mão-de-obra disponíveis. Assim, tem-se de um lado projetos como os de João Walter Toscano (Grupo escolar, General Salgado), de Abrahão Sanovicz e Julio Katinsky (Grupo Escolar de Atlântida, Flórida Paulista); Grupo Escolar de Embaúba, Cajobi), marcados pelo uso de treliças de madeira que estruturam telhados de águas convergentes aliados vedações de tijolos intercalados, elementos vazados e até mesmo muxarabis, tratados com cores tradicionais aplicadas de forma moderna, ou de Carlos Lemos (3º Grupo Escolar, Mirassol), em que alia brises de concreto semelhantes àqueles empregados pelo CECE a coberturas em telhas cerâmicas e à organização da escola em torno de pátio; de outro, projetos como os de Carlos Millan e Galiano Ciampaglia (Grupo Escolar de Guedes, Jaguariúna, Ginásio Municipal de Santo Antonio da Posse), em que exploram de forma acentuadamente tectônica detalhes em tijolos e madeira, de Joaquim Guedes, Helio Penteado e João Caetano de Mello Filho (Grupo Escolar de Ataliba Nogueira, Itapira) que retomam o caráter empírico das técnicas construtivas tradicionais em um desenho de caráter marcadamente orgânico, e de Salvador Candia para o Grupo Escolar de Itapira, que retoma elementos construtivos e a simetria da arquitetura das fazendas de café paulistas.

Tais grupos escolares são exemplares, pelo aspecto singelo resultante de suas dimensões reduzidas, pelo fato de manterem intacta a sua função original, pelo uso intensivo de seus espaços e as implicações culturais das atividades realizadas nas suas formas de apropriação do espaço, além da dinâmica que rege as intervenções espaciais neles realizadas, especificidades que devem ser bem compreendidas para a avaliação de suas condições de conservação e definição de diretrizes para a sua preservação. Antes de mais nada, estas características incidem sobre a sua conceituação enquanto patrimônio histórico-artístico, dificilmente reconhecida, contribuindo para isto o fato de que o registro da autoria dos projetos nunca foi alvo de atenção

pelos órgãos produtores, para quem estes constituem antes objetos necessários à sua concretização que manifestações culturais. Apesar das iniciativas dos usuários de retraçarem a história de suas escolas, ela é inacessível em seus aspectos arquitetônicos. Não constituindo obras de exceção, e estando inacessíveis as informações que poderiam estimular forças potenciais que ademais existem, a avaliação destes espaços pelos usuários não consegue ultrapassar os limites de considerações funcionais, de conforto ambiental ou mesmo de “gosto” bastante limitadas, num contexto em que um prédio novo é sempre melhor que um prédio velho.

É este, enfim, o universo a ser encontrado pelo pesquisador que se dedique à arquitetura escolar, e que fará com que seu ponto de vista se desloque da dimensão exclusivamente arquitetônica – a qual renegaria cada intervenção realizada nestes espaços por “não-arquitetos” –, para abarcar tal dinâmica de apropriação do e intervenção no espaço, ao mesmo tempo em que esclarecerá os limites do projeto enquanto instrumento de restauro ou preservação.

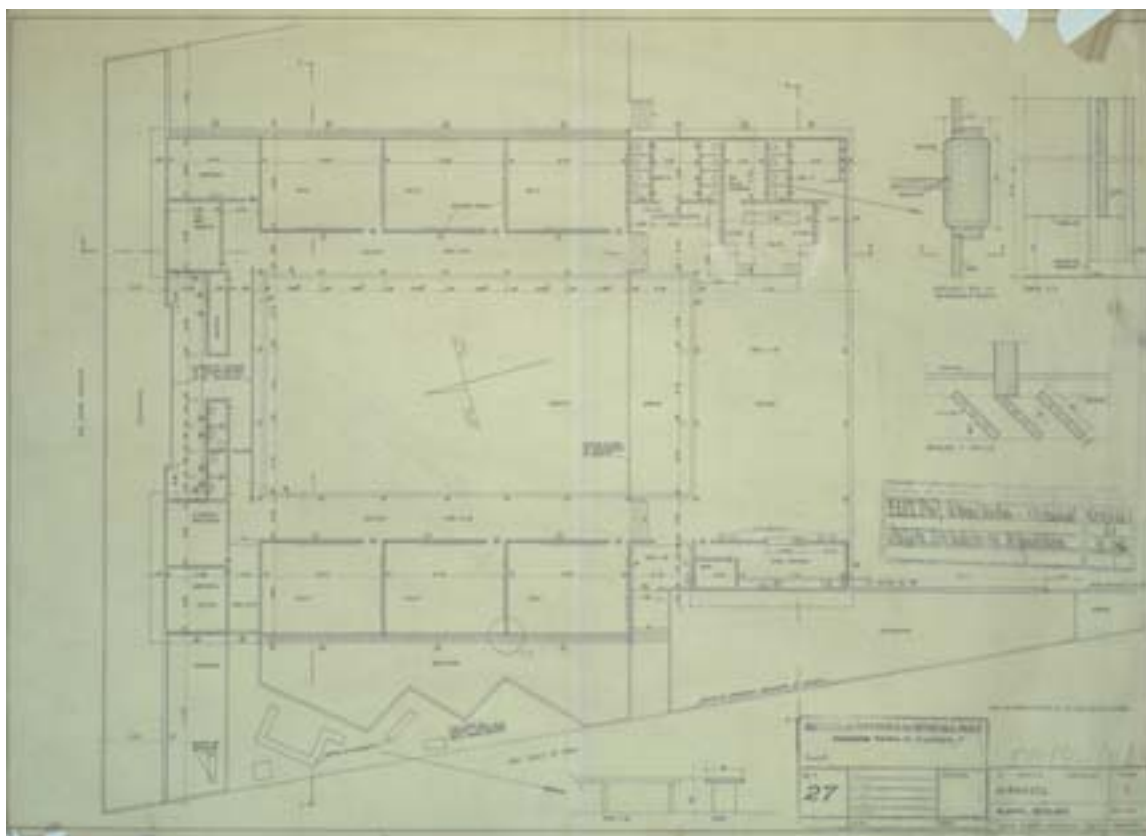


Figura 1: Carlos A. C. Lemos, Grupo Escolar, Mirassol: planta baixa e detalhes
coef. red.=1/5 esc. principal 1:250

Algumas das mais recorrentes transformações sofridas por estes prédios ao longo de sua vida podem ser verificadas no 3º Grupo Escolar de Mirassol. O atraso no envio do orçamento padrão pela prefeitura fez com que recebesse projeto de Carlos Lemos⁶ Três anos após a inauguração,

⁶ Proc. IP 16258 de 23/09/1958, Ordem de serviço ao arquiteto de 23/09/1959, recibo assinado pelo arquiteto em 14/11/1959; contratação da obra em 02/10/1960, inauguração em 08/09/1960.

seu diretor comunicava que “grande número de salas apresentam rachaduras e que demonstram tendência de aumentar” e que “quase todo o estuque do prédio apresenta trincos”, defeitos que foram objeto de correção. Ainda que se note várias intervenções como a instalação de grades (fig. 2 e 3) vedação da face mais externa do galpão (fig. 4 e 6), delimitação da circulação através de muretas (fig. 5), destacam-se aquelas referentes à ampliação do número de salas de aula, num processo que reflete a evolução demográfica do bairro em que se insere. Interessante notar que a própria previsão de ampliação prevista pelo arquiteto revela-se insuficiente, fazendo com que o pátio central seja ocupado com novas salas de aula, modificando profundamente o espaço original (fig. 4 e 5).



Figura 2
Carlos A. C. Lemos, Grupo Escolar, Mirassol:
fachada principal com ampliação de salas de
aula ao fundo



Figura 3
Carlos A. C. Lemos, Grupo Escolar, Mirassol:
aspecto do galpão com palco



Figura 4
Carlos A. C. Lemos, Grupo Escolar, Mirassol:
salas de aula posteriormente acrescentadas (à esq.)



Figura 5
Carlos A. C. Lemos, Grupo Escolar, Mirassol:
circulação original acrescida de mureta e salas
de aula posteriormente acrescentadas (à esq.)



Figura 6
Carlos B. Millan e Galiano Ciampaglia, Grupo
Escolar de Guedes, Jaguaruina: galpão sem
palco (demolido)



Figura 7
Carlos B. Millan e Galiano Ciampaglia, Grupo
Escolar de Guedes, Jaguaruina: salas de aula
interceptando galpão

Processo semelhante pode ser constatado no Grupo Escolar de Guedes, projetado por Carlos Millan e Galiano Ciampaglia⁷. Destaca-se o uso de elementos estruturais em concreto armado vencendo vãos econômicos, aliado a tesouras de madeira, ainda que as telhas cerâmicas originais tenham sido já substituídas por telhas romanas. Nota-se a ausência, do palco semicircular em tijolos maciços (fig. 6 e 7), além de detalhes de piso e canaletas em concreto. As esquadrias de amplos panos de vidro foram substituídas por basculantes convencionais (fig. 8). Com a substituição, também se perderam as portas envidraçadas que ligavam as salas de aula ao jardim (fig. 11), que remetem a projetos escolares de Richard Neutra e que foram utilizadas em alguns poucos projetos construídos pelo Ipesp.



Figura 8
Carlos B. Millan e Galiano Ciampaglia, Grupo
Escolar de Guedes, Jaguaruina: esquadrias
basculantes substituem proposta original



Figura 9
Carlos B. Millan e Galiano Ciampaglia, Grupo
Escolar de Guedes, Jaguaruina: formato original
das esquadrias das salas de aula

⁷ Proc. IP 27141 de 17/08/1959, OS 23/09/1959, recibo 02/11/1959 (Eduardo Kneese de Mello); contrato 19/11/1959 (PM/ Eng Szymon Goldfarb); habite-se 10/09/1960; inauguração não disponível.

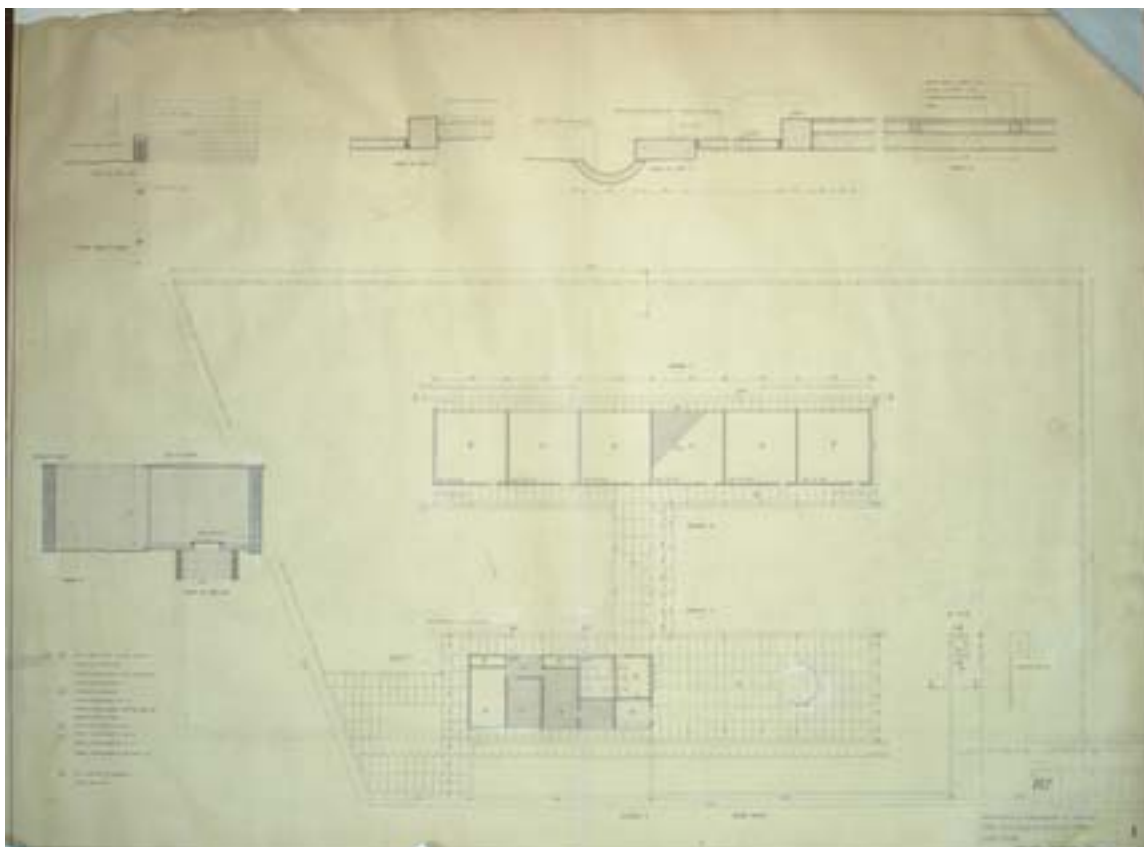


Figura 10: Carlos B. Millan e Galiano Ciampaglia, Grupo Escolar de Guedes, Jaguaruina: planta locação. Coef. red=1/7,5 esc. principal 1:750

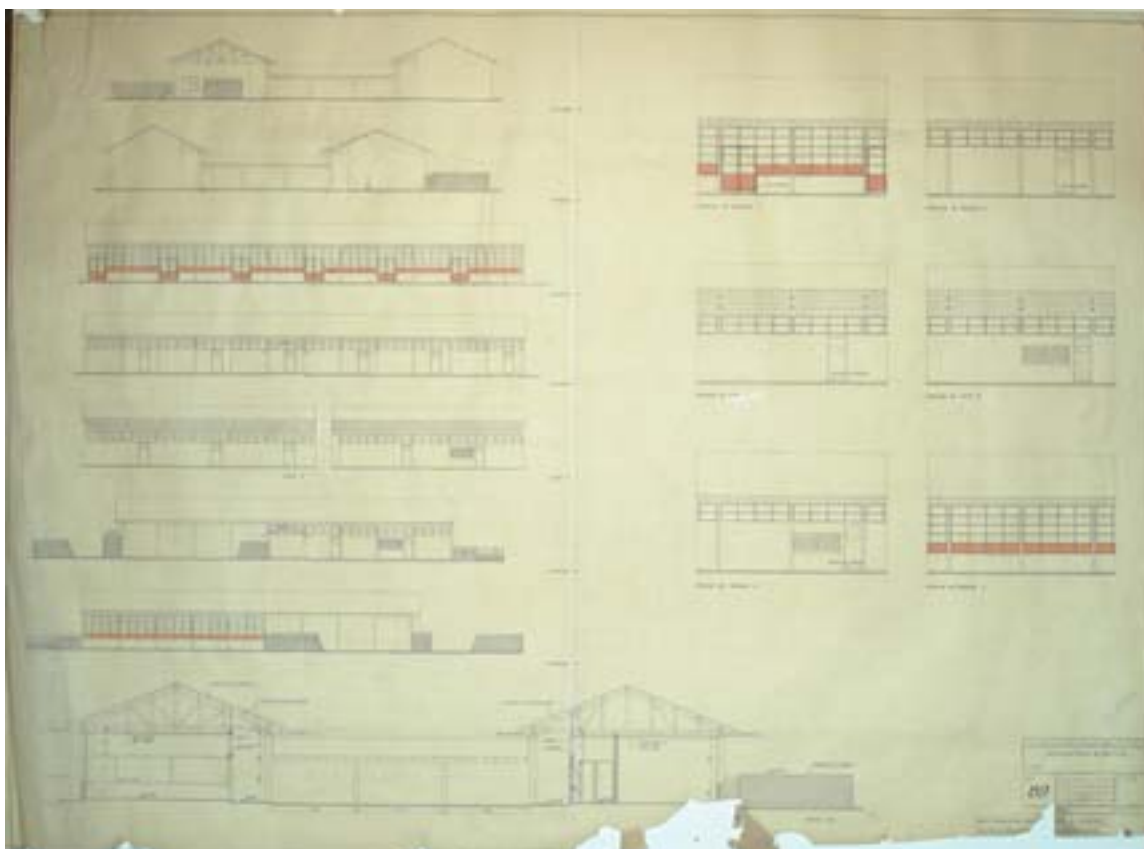


Figura 11: Carlos B. Millan e Galiano Ciampaglia, Grupo Escolar de Guedes, Jaguaruina (05 11 401): título não disponível. Coef. red=1/7,5 esc. 1:750 e 1:375

Também o forro foi substituído, pois a proposta original previa luminárias redondas embutidas e arrematadas por peças quadradas de eucatex. Apesar da austeridade da construção, estes detalhes de esquadrias, forro e madeira “acarretaram certos atrasos, sendo necessário mandar fazer tipos especiais”, conforme ofício da contratante da obra, a Prefeitura Municipal de Jaguariúna, ao Ipesp. Afora algumas mudanças de *lay out* – concebido sempre com grande rigor pelo arquiteto – destaca-se, novamente, as transformações impostas pela necessidade de novas salas de aula, construídas para além das previstas inicialmente, em novo bloco a elas paralelo. Assim, impôs-se a perda de meia sala de aula, visando dar continuidade à circulação transversal até o novo pavilhão, servindo a metade restante como sala de professores. Finalmente, é de se notar a ausência, nas novas salas de aula, de vários caracteres sutis presentes no projeto original, como a continuidade horizontal entre as esquadrias, antes interrompidas apenas pelos pilares embutidos na alvenaria e alinhadas ao forro, além do próprio desenho das esquadrias, conforme já observado, aspectos que concorriam para o aprimoramento do conforto ambiental dessas salas.



Figura 12
Carlos B. Millan e Galiano Ciampaglia, Grupo
Escolar de Guedes, Jaguariúna: acesso coberto
ao pavilhão de salas de aula



Figura 13
Carlos B. Millan e Galiano Ciampaglia, Grupo
Escolar de Guedes, Jaguariúna: circulação do
pavilhão de salas de aula posterior

Neste conjunto de obras iniciais, inclui-se o Grupo Escolar no Bairro de Cubatão, Itapira, projetado por Salvador Candia⁸. Este, que é o primeiro prédio escolar contratado pelo Ipesp ao arquiteto, dá início a uma série de pequenas obras localizadas no interior em que privilegia a utilização de materiais e técnicas construtivas tradicionais, partido diferente daquele por ele utilizado em obras comerciais e/ou de maior porte, como veremos adiante. Projetos marcados também por uma rígida simetria e pelas pequenas diferenças de nível entre os pavilhões, resultante da adequação à topografia (fig. 18). Apesar de singelo, este prédio possui uma densidade de detalhes digna de nota, desde a especificação de panos de alvenaria de tijolos aparentes pintados de “ocre bem claro”, beirais em ripados – bastante empenados – propiciando a ventilação do forro (fig. 17),

⁸ Proc. IP 27937 de 17/08/1959, OS 10/9/1959, recibo 16/12/1959; contrato 17/10/1959 (PM/ Eng Szymon Goldfarb); habite-se 09/06/1960; inauguração 01/08/1960.

especificação muros de elementos vazados de cimento ou tijolos intercalados e, junto ao galpão, a “mureta que serve para sentar” – conforme notação do projeto. Interessante que a cor ocre é utilizada ainda em alguns pontos, enquanto a mureta que separava o galpão dos pátios abertos foi eliminada – ao contrário do que ocorre em Mirassol, por exemplo, provavelmente pela impermeabilização extensiva destes espaços, hoje totalmente cimentados.



Figura 14
Salvador Candia, Grupo Escolar no Bairro de Cubatão, Itapira: aspecto geral com ampliação de salas de aula à esq.



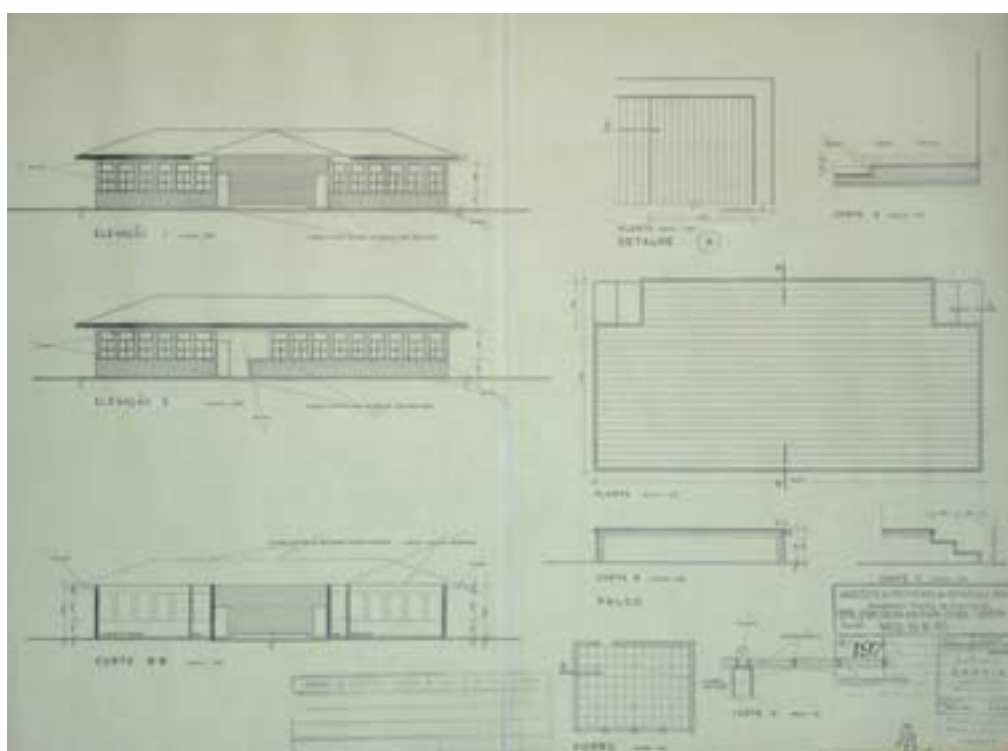
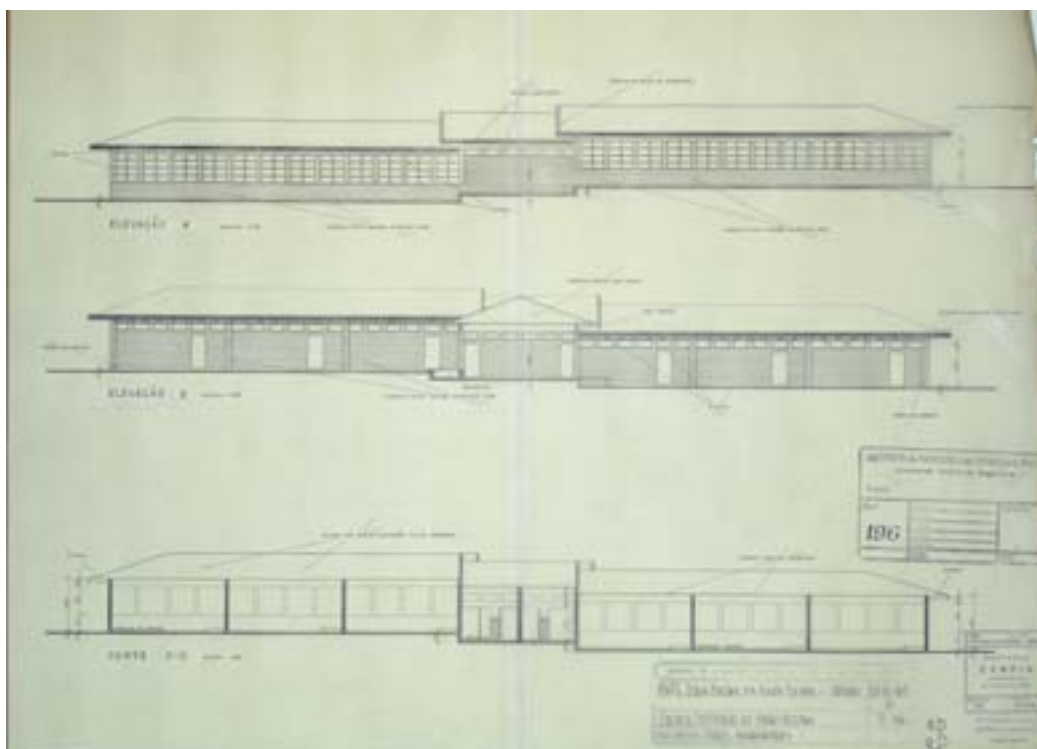
Figura 15
Salvador Candia, Grupo Escolar no Bairro de Cubatão, Itapira: bloco de administração entre salas de aula posteriores.



Figura 16
Salvador Candia, Grupo Escolar no Bairro de Cubatão, Itapira: galpão e bloco de administração



Figura 17
Salvador Candia, Grupo Escolar no Bairro de Cubatão, Itapira: esquadrias protegidas por telas



Como no grupo Escolar de Guedes, as telhas francesas foram substituídas por telhas romanas; as esquadrias de abrir, raramente utilizadas em outros projetos encontram-se protegidas por tela (fig. 17), numa lógica comum à substituição dos panos maiores de Guedes e de muitos outros prédios, que uma vez quebrados geram um custo de substituição maior que as das esquadrias

basculantes convencionais. Finalmente, encontram-se as já conhecidas ampliações, porém, sem o critério dos casos anteriores: em blocos de concreto sem a qualidade necessária para serem aplicados de forma aparente, cobertas com telhas de fibrocimento sem forro na circulação, mais baixas e desalinhadas ao bloco da administração, ao qual se justapõem (fig. 14 e 15).

3.2. Edifícios de grande porte

É verdade que, pelo caráter inovador destas propostas, e pela proximidade que os arquitetos citados mantinham entre si, poder-se-ia mesmo aventar a possibilidade de discussões em grupos, ainda que diferentes daquele usualmente referido⁹. Por outro lado, se tais propostas baseadas no uso de materiais e técnicas tradicionais aliadas a um intensivo desenho moderno arrefecem, certamente isto não se dá pela substituição pelo “que de mais avançado existia à época”. Neste sentido, ocupa posição fundamental a análise da contratação dos projetos de grande porte encomendados pelo Ipesp, que pode ser efetuada a partir da tabela seguinte:

Tabela 6
Processos IP relativos a obras de grande porte contratados com
escritórios privados de arquitetura pelo Ipesp, ordenados por data de escalação/ ordem de serviço

PROCESSO	DATA	PROGRAMA	CIDADE	AUTOR	TIPO	ESCALAÇÃO	OS
02206	23/01/59	col/en	Pompéia	Plínio Croce e Roberto Aflalo	NC	NC	10/11/59
30076	29/08/59	col/en	Tanabi	Carlo Benvenuto Pogaro	NC	NC	21/01/60
18759	23/06/59	col/en	Mauá	Maurício Tuck Schneider	NC	??/04/60	NC
08093	23/02/60	col/en	Nova Granada	Jorge Zalsupin	NC	25/04/60	28/04/60
24043	12/05/60	col/en	Lorena	David Araujo Benedito Ottoni	II	26/07/60	NC
22689	07/05/60	col/en/ge	Votuporanga	Romeu Thomé da Silva	II	27/03/61	26/06/61
42186	25/07/60	col	Tupi Paulista	Maurício Nogueira Lima	I	28/03/61	29/03/61
78816	26/12/60	ie	Marília	Salvador Candia	II	15/05/61	26/06/61
31622	19/06/61	col/en	Garça	Júlio Roberto Katinsky	I	24/08/61	25/09/61
42189	25/07/60	col	Indaiatuba	Dante de Souza Pereira Autuori	I	17/09/61	19/09/61
36901	12/07/61	col	Itararé	Oswaldo Arthur Bratke/ Alberto D. M. de Andrade	NC	05/10/61	06/10/61
32133	21/06/61	col	Ribeirão Preto	Adolfo Rubio Morales*/ Abelardo Reydi de Souza/ Alfredo Paesani	II	21/02/62	27/02/62
34661	20/06/62	ie	Piracicaba	Não contratado	-	-	-

Col=colégio, col/em=colégio e escola normal; col/en/ge=colégio e escola normal com escola de aplicação; ie=instituto de educação (semelhante a col/en/ge)

Escalação: data da definição e convite, por parte do Ipesp, do arquiteto;

OS: data da assinatura da ordem de serviço

Além do projeto do Ginásio de Utinga, tem-se apenas dois projetos que poderiam ser agrupados pela afinidade aos conceitos de Artigas: o de Maurício Tuck Schneider para o Colégio Estadual e Escola Normal de Mauá – que, como se verá adiante, não tem sua execução livre de intercorrências – e o de Julio R. Katinsky e Abraão Sanovicz para o Colégio Estadual e Escola Normal Hilmar Machado de Oliveira, em Garça (não construído).

⁹ Tanto mais que, a esta mesma época, Ipesp contrata com o arquiteto Jakob Ruchti o Grupo Escolar do distrito de Martins Francisco, Mogi Mirim (proc. IP 24547 30/07/1959, OS 21/09/1959, recibo 15/12/1959), de modo que quase a totalidade dos arquitetos reunidos em torno da loja Branco e Preto elaboram contemporaneamente projetos de edifícios escolares para o Ipesp.



Figura 20
Plínio Croce e Roberto Aflalo, Colégio Estadual
e Escola Normal, Pompéia: administração em
primeiro plano e grupo escolar à esq.



Figura 21
Plínio Croce e Roberto Aflalo, Colégio Estadual
e Escola Normal, Pompéia: aspecto geral com
auditório à dir.



Figura 22
Plínio Croce e Roberto Aflalo, Colégio Estadual
e Escola Normal, Pompéia: hall da
administração com escada ao grupo escolar



Figura 23
Plínio Croce e Roberto Aflalo, Colégio Estadual
e Escola Normal, Pompéia: galpão e pátio do
grupo escolar



Figura 24
Plínio Croce e Roberto Aflalo, Colégio Estadual
e Escola Normal, Pompéia: sala de aula com
iluminação e ventilação bidirecional



Figura 25
Plínio Croce e Roberto Aflalo, Colégio Estadual
e Escola Normal, Pompéia: sala de aula com
iluminação e ventilação bidirecional

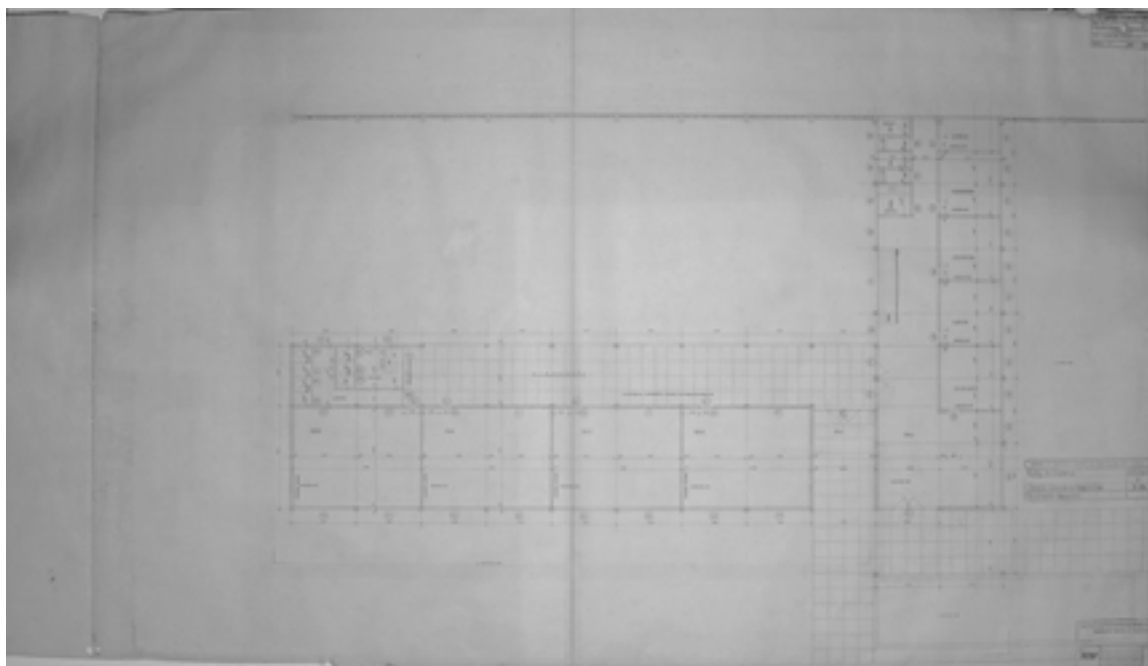


Figura 26: Plínio Croce e Roberto Aflalo, Colégio Estadual e Escola Normal, Pompéia: Planta baixa do grupo escolar
Coef. red=1/5 esc. principal 1:500

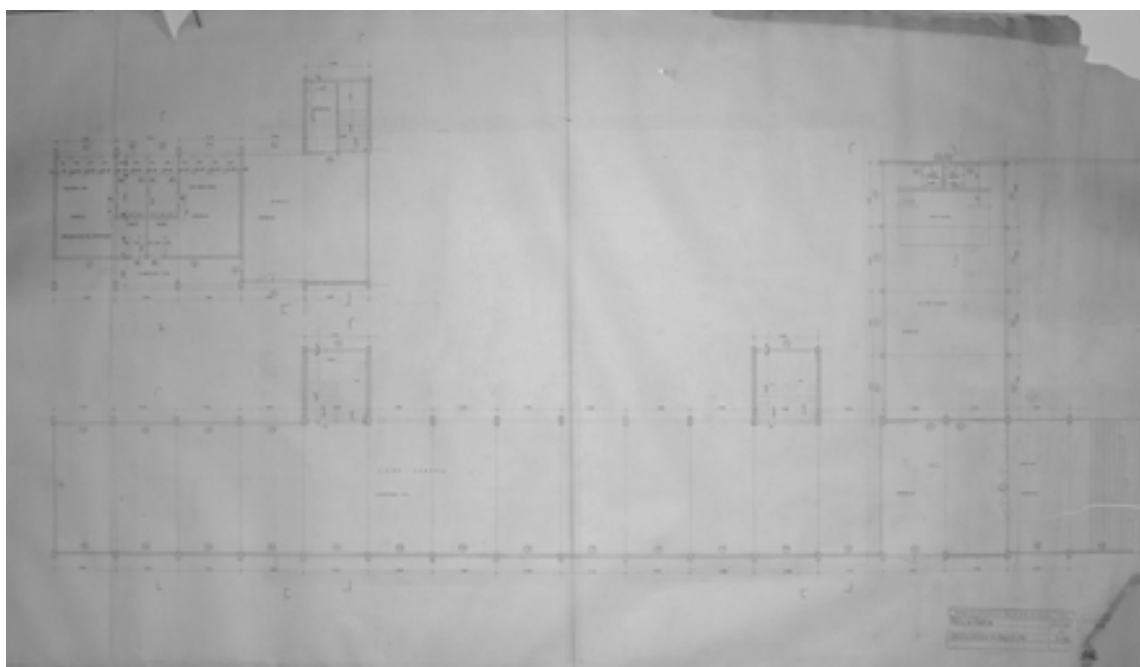


Figura 27: Plínio Croce e Roberto Aflalo, Colégio Estadual e Escola Normal, Pompéia: Planta baixa do grêmio e vestiário (mesmo nível do grupo escolar) e do *pilotis*/ auditório (sem administração)
Coef. red=1/5 esc. principal 1:500

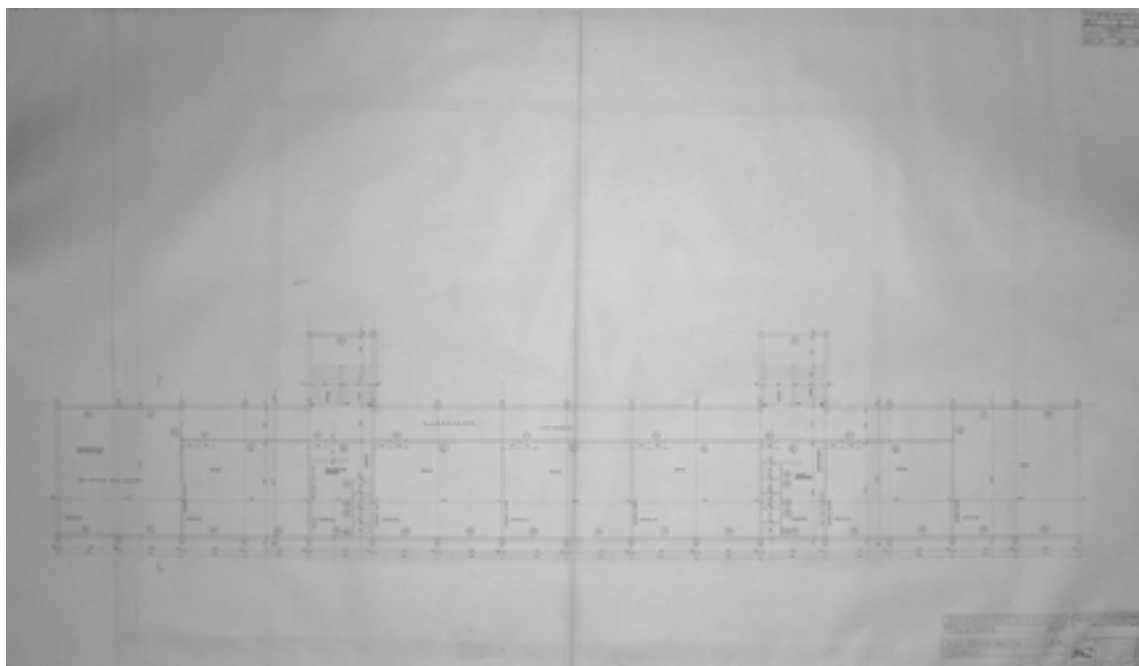


Figura 28: Plínio Croce e Roberto Aflalo, Colégio Estadual e Escola Normal, Pompéia: Planta baixa do pavimento tipo
Coef. red=1/5 esc. principal 1:500

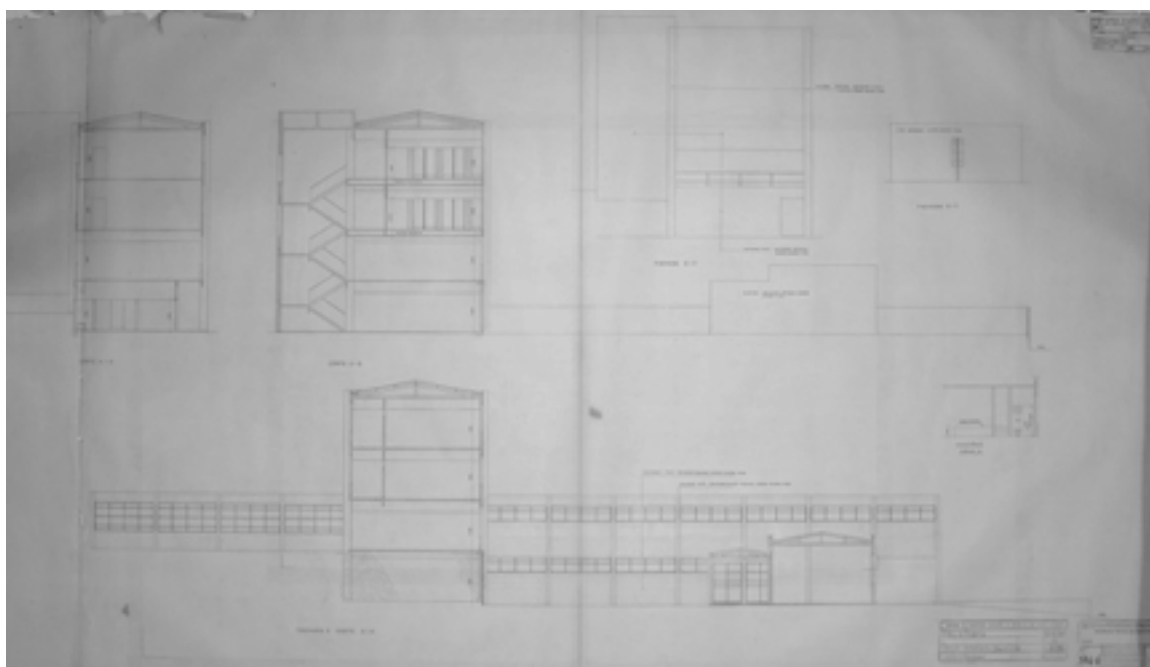


Figura 29: Plínio Croce e Roberto Aflalo, Colégio Estadual e Escola Normal, Pompéia: cortes
Coef. red=1/5 esc. principal 1:500

Como no caso de Mirassol, o Colégio Estadual e Escola Normal de Pompéia, inicialmente orçado conforme o “Tipo Marília”, tem projeto definitivo de Plínio Croce e Roberto Aflalo¹⁰. O único contratempo da obra deveu-se à necessidade de fundações especiais, segundo parecer do professor da EPUSP Sigmundo Golombek. As solicitações relativas ao muro de arrimo que percorre a lateral do bloco principal (fig. 23), alegadas pela ausência do projeto arquitetônico, não são atendidas. A diferença de um pé-direito que este muro de arrimo propicia confere dinamismo a uma composição de volumes que, ademais, possui grande clareza funcional. A ampla infraestrutura, antes dedicada à formação de professores, é hoje claramente menos intensamente utilizada, o que, aliado à grande identificação da comunidade ao prédio escolar, resulta em seu bom estado de conservação – o que não a deixa imune a certas questões pontuais (fig. 30 e 31).



Figura 30
Plínio Croce e Roberto Aflalo, Colégio Estadual
e Escola Normal, Pompéia: vista do hall de
entrada em direção ao *pilotis*



Figura 31
Plínio Croce e Roberto Aflalo, Colégio Estadual
e Escola Normal, Pompéia: vista da quadra
coberta padrão tangenciando escadaria

A exemplo do prédio do CEEN de Pompéia, o projeto de Salvador Candia para Instituto de Educação Monsenhor Bicudo, em Marília¹¹ constitui-se no primeiro do gênero, tendo sido elaborados duas ordens de serviço ao arquiteto, conforme se depreende dos documentos burocráticos: “tratando-se do primeiro projeto deste gênero, não se precisava exatamente as funções administrativas do mesmo e suas áreas, tendo sido, inclusive, abandonado o primeiro projeto”. Durante a sua construção, incompatibilidades dimensionais entre o projeto arquitetônico e o projeto estrutural, além da não consideração de empuxos resultantes da ação do vento no prédio do ginásio de esportes e os respectivos momentos fletores nas fundações, bem como das cargas das baterias de caixas d’água sobre a cobertura do prédio principal são apresentadas pelo executor ao Ipesp em ofício de 04/09/1962, gerando a solicitação de uma série de medidas,

¹⁰ Proc. IP 2206 de 23/01/1959, OS 12/11/1959 recibo 08/04/1960; contrato 11/11/1959 (PM/ Cia. Imobiliária Rosacruz); habite-se 04/04/1962 (Divisão do Serviço do Interior); inauguração 03/04/1962.

¹¹ Proc. IP 78816 de 26/12/1960, OS 26/06/1961 e 08/01/1962 recibo 22/01/1962; contrato 27/04/1962 (Julio capobianco S/A Engenharia e Comércio); habite-se 15/05/1964; inauguração 08/04/1964.

dentre as quais a substituição da solução em caixões perdidos nas salas de aula pela sua execução em vigamento aparente, o que de fato ocorre (fig. 34, 40 e 41). Proposta que parece não passar pelo crivo do autor do projeto, de quem só há carta datada de 31/10/1962, autorizando a substituição dos perfis metálicos de guarda-corpos e corrimãos especificados por outros menores. Situado no então prolongamento de uma das mais importantes avenidas da cidade, local de moradia de “famílias de bons costumes”, o prédio sofre as conseqüências da necessidade de extensão das redes de água e energia elétrica. Em relatório de visita de 29/04/1966, o engenheiro do FECE aponta trincas e problemas no piso térreo, executado sobre aterro – problemas que persistem pelo menos até 1968 –, além da segurança de guarda-corpos e a solicitação da diretora, “endossada pelo Sr. Prefeito”, de construção de uma zeladoria e salão de festas.



Figura 32
Salvador Candia, Instituto de Educação
Monsenhor Bicudo, Marília: prédio principal



Figura 33
Salvador Candia, Instituto de Educação
Monsenhor Bicudo, Marília: circulação das aulas



Figura 34
Salvador Candia, Instituto de Educação
Monsenhor Bicudo, Marília: prédios das salas
de aula



Figura 35
Salvador Candia, Instituto de Educação
Monsenhor Bicudo, Marília: circulação da
administração

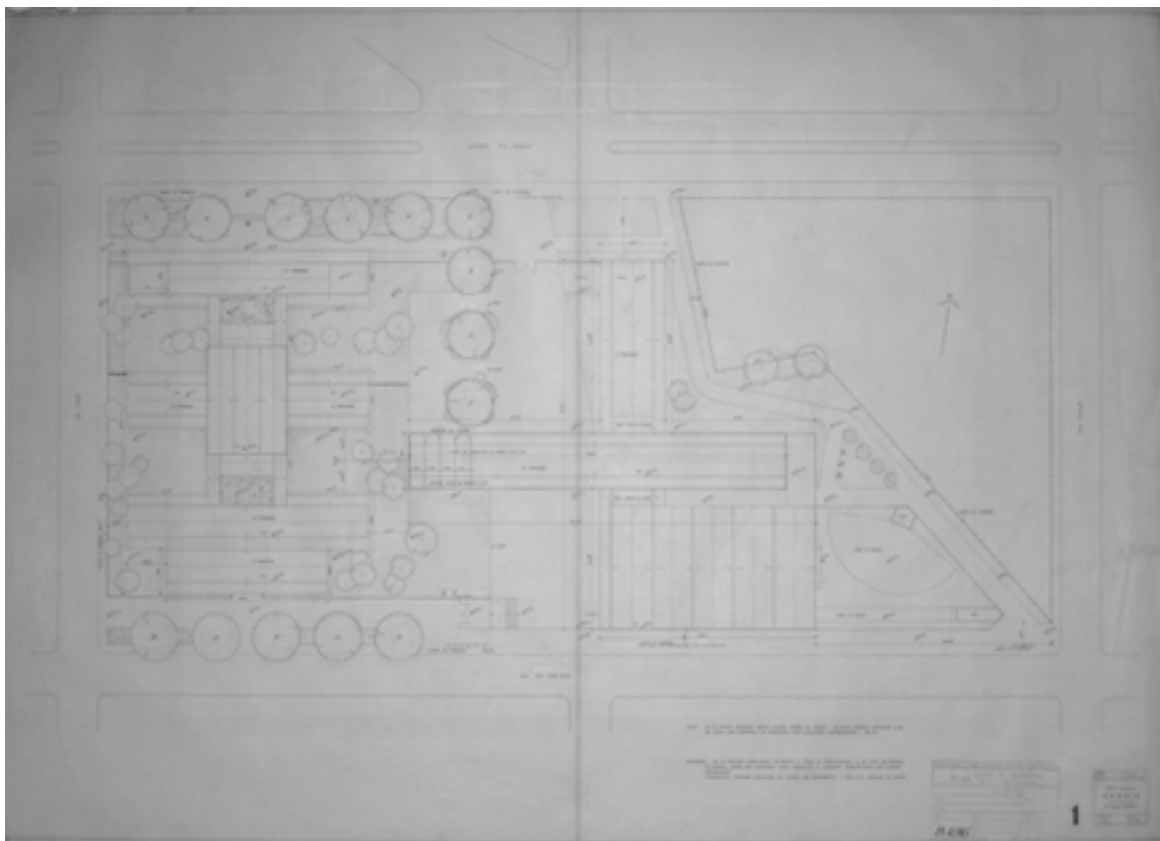


Figura 36: Salvador Candia, Instituto de Educação Monsenhor Bicudo, Marília: planta locação.
Coef. red=1/7,5 esc. 1:1500



Figura 37: Salvador Candia, Instituto de Educação Monsenhor Bicudo, Marília: pavimento térreo (administração, biblioteca, museu pedagógico, cantina). Coef. red=1/7,5 esc. principal 1:750

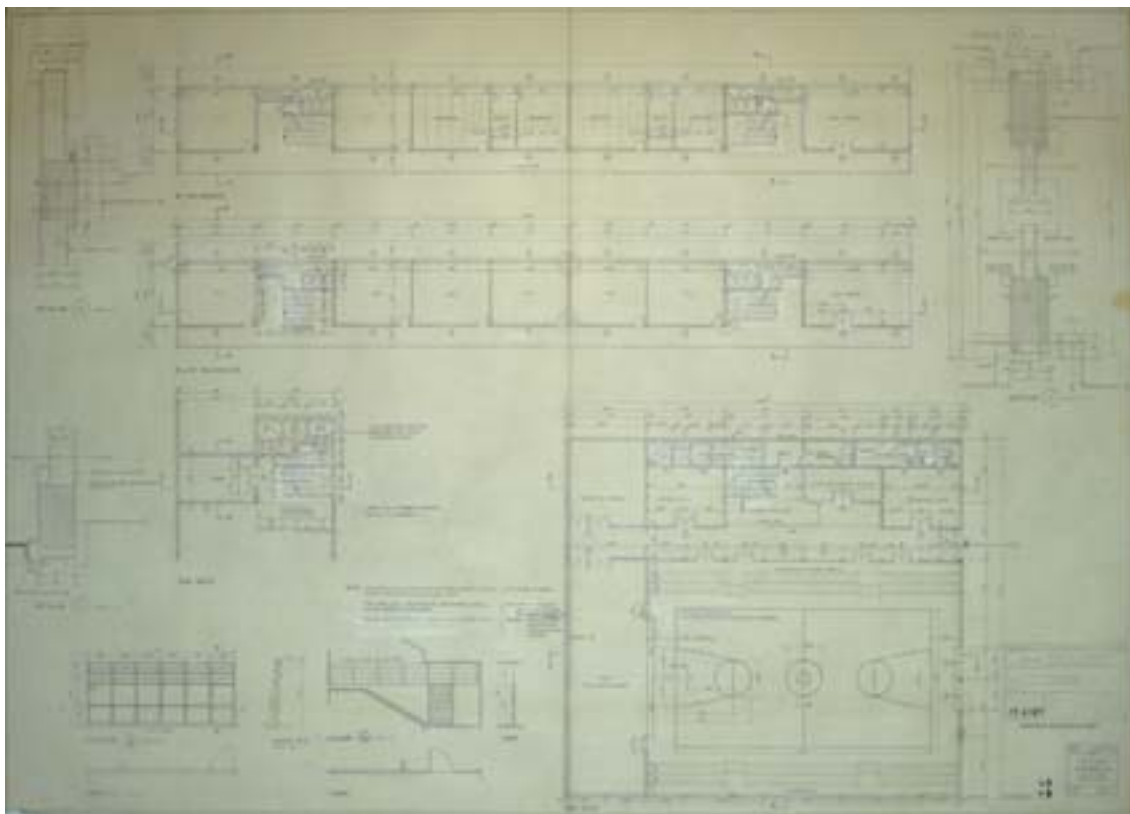


Figura 38: Salvador Candia, Instituto de Educação Monsenhor Bicudo, Marília: pavimento inferior (quadra de esportes) e tipo (salas de aula) Coef. red=1/7,5 esc. principal 1:750

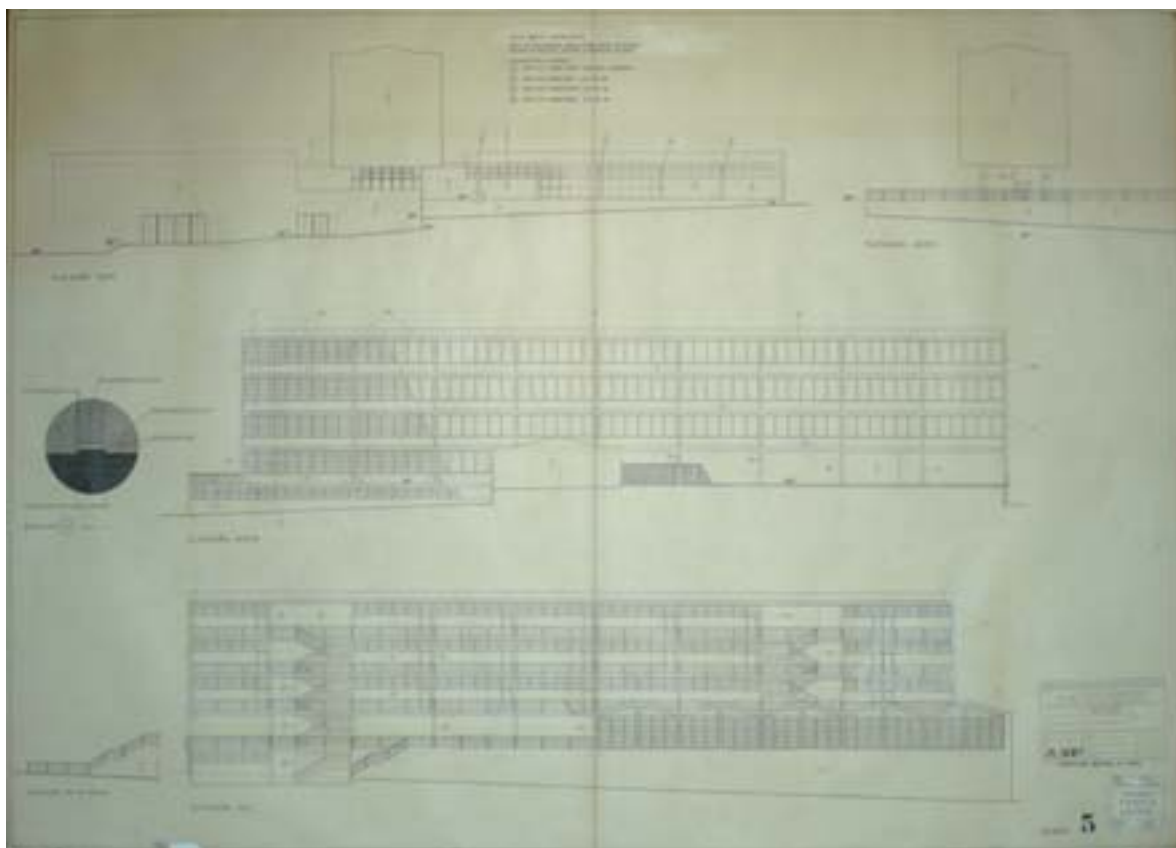


Figura 39: Salvador Candia, Instituto de Educação Monsenhor Bicudo, Marília: elevações Coef. red=1/7,5 esc. principal 1:750



Figura 40
Salvador Candia, Instituto de Educação
Monsenhor Bicudo, Marília: hall da biblioteca
com acesso a *pilotis* à esq.



Figura 41
Salvador Candia, Instituto de Educação
Monsenhor Bicudo, Marília: *pilotis*

Se o porte de edificações como as de Pompéia e Marília chamam a atenção para a sua conservação, funcionando mesmo como ícones de modernidade, por outro lado, coloca a questão da manutenção diária de grandes áreas construídas inativas. Assim, parte das salas de aula do segundo pavimento e os lances das escadas que levam ao terceiro pavimento foram fechadas com grades. A situação é ainda pior no prédio do grupo escolar anexo (fig. 43 e 44), em abandono, o que é agravado pela existência de acesso direto pela rua dos fundos (fig. 46).

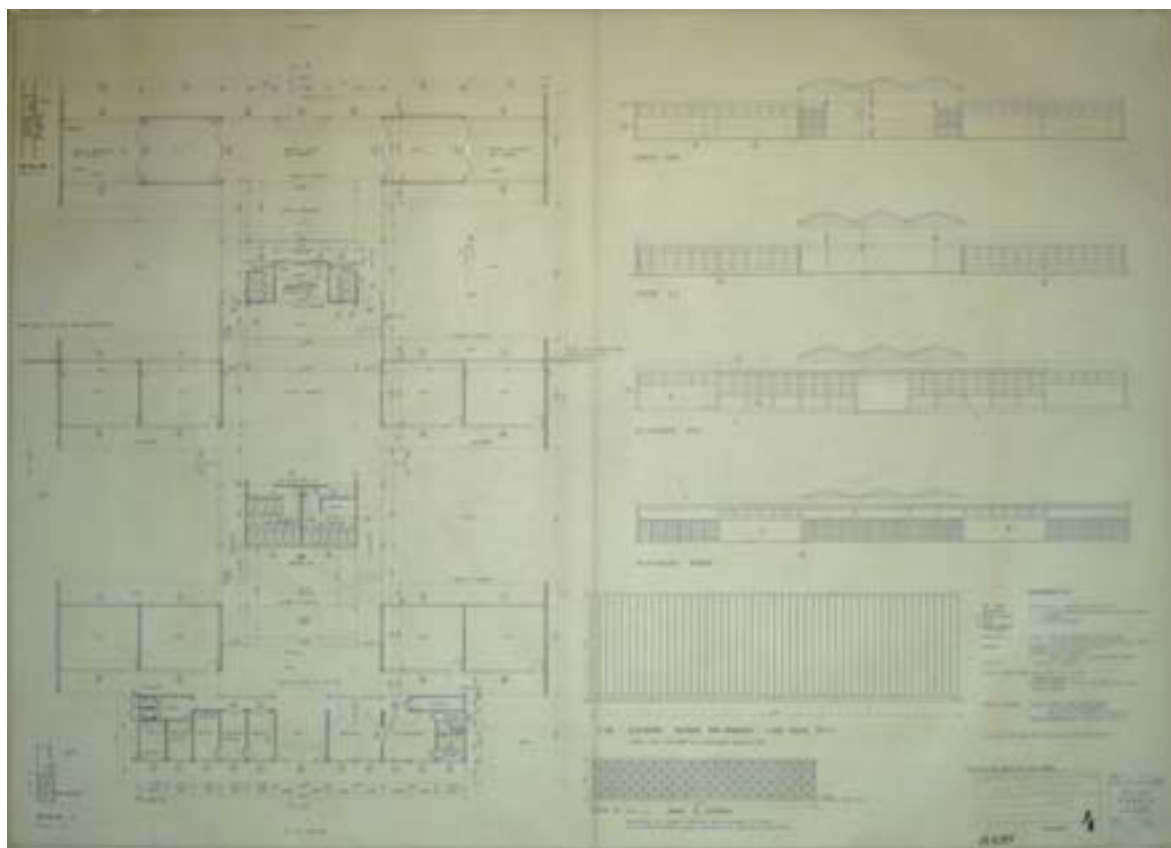


Figura 42: Salvador Candia, Instituto de Educação Monsenhor Bicudo, Marília: grupo escolar.
Coef. red=1/7,5 esc. principal 1:750



Figura 43
Salvador Candia, Instituto de Educação
Monsenhor Bicudo, Marília: prédio do grupo
escolar, circulação



Figura 44
Salvador Candia, Instituto de Educação
Monsenhor Bicudo, Marília: circulação

3.3. O “modelo de Artigas”

Como se viu anteriormente, as propostas iniciais, intimamente ligadas à reflexão em torno da relação tradição/ modernidade, são ultrapassadas pela crescente massificação – resultante tanto do ritmo acelerado de contratação de projetos e execução dos prédios escolares quanto das dimensões de alguns de seus exemplares – que se segue à mobilização e debates que naturalmente marcaram aqueles momentos inaugurais, ainda que seus autores mantenham-se fieis a suas elaborações conceituais. Ainda nesta fase inicial, deve-se notar a participação isolada de Vilanova Artigas na concepção de uma outra arquitetura escolar – materialização de um outro projeto de escola –, no Ginásio de Itanhaém¹².



Figura 45
Vilanova Artigas, Ginásio, Itanhaém: fachada
com depósito defronte painel artístico e portão
emoldurado por elementos vazados



Figura 46
Vilanova Artigas, Ginásio, Itanhaém:
administração (a dir.) com depósito à frente

¹² Proc. IP 16023 de 19/09/1959, OS 10/09/1959 recibo 21/12/1959; contrato 05/11/1959 (PM/ Eng. Civil Lucas Henrique Cecci); habite-se 15/12/1960; inauguração 03/03/1961.

Resultante de processo aberto em 1958, em que é proposto o orçamento de um ginásio “tipo Socorro” de 21/10/1958 no valor de 9.983.133,80, aprovado pelo Ipesp por Cr\$ 6.470.000,00, teve sua revisão solicitada pela prefeitura local, num processo que prolonga-se com novos apelos desta última ao longo de 1959, o ginásio tem seu projeto elaborado por Artigas entre setembro e novembro de 1959. Os projetos prevêem o uso de 560 m3 de concreto e 73 ton de aço CA-73 para a obra de pouco mais de 2.000 m2, orçada em Cr\$18.425.973,60 pela executora, aprovada e contratada por Cr\$14.556.450,00. Foi objeto de pedidos de prorrogação de prazo num total de 270 dias, aprovados pelo Ipesp, considerando tratar-se de obra atípica, sendo concluída em 13 meses. Já em relatório de vistoria por engenheiro do Ipesp em 15/02/1965 são diagnosticados os problemas de infiltração na laje impermeabilizada, além de recalques no piso do setor de administração, cujo nível do aterro é um pouco mais alto que o resto do prédio – o prédio foi construído em terreno reconhecidamente “baixo e alagadiço”.



Figura 47
Vilanova Artigas, Ginásio, Itanhaém: circulação das salas de aula estrangulada pela ampliação, em andamento (em 07/2006), do bloco de sanitários



Figura 48
Vilanova Artigas, Ginásio, Itanhaém: aspecto galpão com salas de aula à dir. e ampliações precárias, em reforma (07/2006)



Figura 49
Vilanova Artigas, Ginásio, Itanhaém: fachada dos fundos, fechada por paredes de salas ampliadas (ao centro), em reforma (07/2006)



Figura 50
Vilanova Artigas, Ginásio, Itanhaém: paredes de salas ampliadas na área originalmente destinada ao galpão

Tais defeitos, em especial o da impermeabilização, acabam por gerar ação ordinária impetrada na 2ª Vara da Fazenda do Estado de São Paulo pelo Ipesp contra a contratada em 26/12/1966, em que o parecer do perito desempatador inclui duras críticas ao arquiteto, pelo uso “totalmente inadequado” deste sistema de cobertura para um prédio no litoral. Em laudo de 13/05/1968, o engenheiro Raphael Gendler, perito nomeado pelo Ipesp, além destes vícios, indica a “deformação de uma viga, possivelmente por recalque diferencial”, o que realmente é visível, agora em mais de um ponto. O projeto previa para este edifício a execução de forro – ainda que no processo se refira mais de uma vez a “caixão perdido” – hoje inexistente. De fato, percebe-se as irregularidades de uma estrutura que não foi moldada tendo em vista sua utilização aparente. Marcado negativamente por esta trajetória inicial, o prédio passa a ser alvo de intervenções depauperadoras ao longo dos anos.



Figura 51
Vilanova Artigas, Ginásio, Itanhaém: muro
fechando jardim lateral



Figura 52
Vilanova Artigas, Ginásio, Itanhaém: aspecto do
jardim lateral

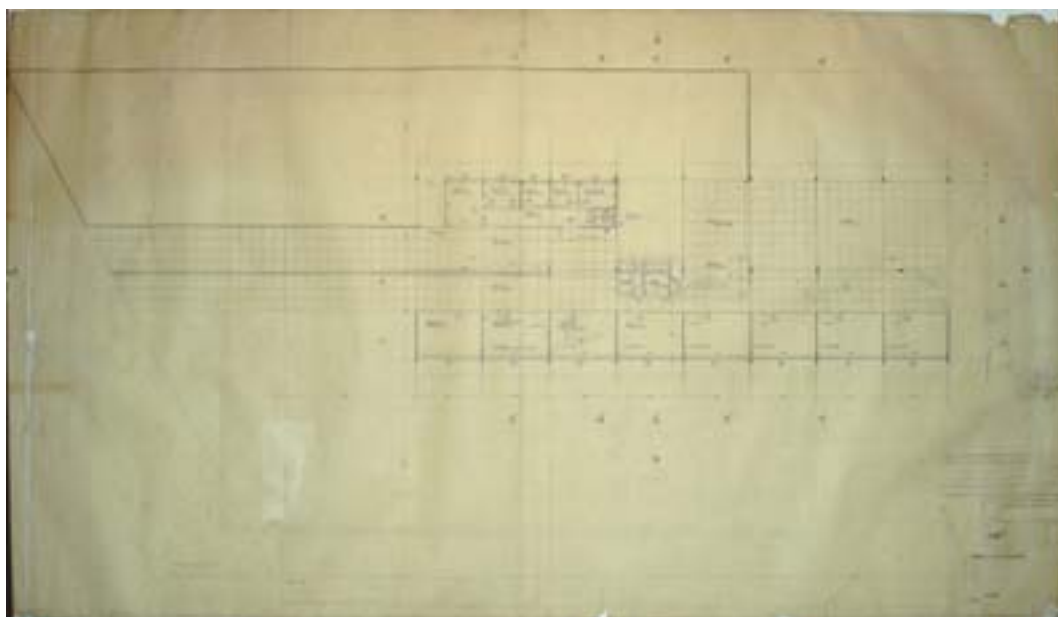


Figura 53: Vilanova Artigas, Ginásio, Itanhaém: localização. Coef. red=1/10 esc. 1:1000

A cantina é fechada, transformando-se em cozinha (fig. 52); novas salas de aula, de baixo padrão de construção, são construídas no espaço do galpão (fig. 48 a 50), enclausurando os espaços; um depósito é construído à frente do painel artístico da fachada frontal que, a exemplo da posterior, é fechada, mantendo-se apenas um portão de acesso e algumas esquadrias padronizadas de metal (fig. 45 e 46). O prédio encontrava-se em reforma em julho de 2006; ainda que o autor não tivesse acesso ao projeto, percebia-se a dificuldade de se executar detalhes de bancada em concreto e a recuperação da estrutura, por exemplo, a partir das condições técnicas locais.

Artigas encontra-se sozinho em suas experimentações de fins de 1959. O projeto de Pedro Paulo de Mello Saraiva para o Ginásio de Eldorado Paulista (proc. IP 26616 de 04/12/1958, OS de 12/11/1959), apesar do protagonismo da estrutura – iniciativa pioneira de uso de concreto protendido, prevê lajes abobadadas –, não se compromete com o partido marcado pela unidade volumétrica e expressividade formal daquele arquiteto. Os projetos de Fabio Penteado para Alto Alegre (proc. IP 22896 de 22/07/59, OS 19/09/1959) e Maurício Tuck Schneider para Arthur Nogueira (proc. IP 7273 de 17/05/1958, OS 21/09/1959) são tímidos, adotando técnicas construtivas usuais. No entanto, os problemas gerados pela impermeabilização da laje do ginásio de Itanhaém não impede que as bases lançadas por Artigas gerem desdobramentos somente na fase final da produção do Ipesp – ainda que isso não signifique perda de força das propostas vigentes desde antes –, como se vê na seguinte tabela:

Tabela 7
Processos IP relativos a projetos contratados pelo Ipesp com arquitetos reunidos em torno de Artigas, ordenados por data de escalação/ ordem de serviço

PROCESSO	DATA	PROGRAMA	CIDADE	AUTOR	TIPO	ESCALAÇÃO	OS
16536	06/04/60	ge	Campinas	Paulo Mendes da Rocha			12/05/60
32279	17/09/59	ge	São José dos Campos	Paulo Mendes da Rocha			20/03/61
0842	07/01/61	ge	Araçatuba	Alfredo Paesani			07/04/61
35470	07/10/59	ge	Taquarituba	Maurício Tuck Schneider			07/04/61
73463	25/11/60	ge	Campinas	Joaquim Guedes			25/04/61
20625	24/04/61	ge	Vicente de Carvalho	Maurício Tuck Schneider			08/06/61
11980	09/03/61	ge	Campinas	Alfredo Paesani			10/06/61
12606	11/03/61	ge	Cruzeiro	Marcello de Breyne Silveira			27/07/61
8011	17/02/61	ge	Campinas	Paulo Mendes da Rocha			07/08/61
36904	12/07/61	ge	Mogi das Cruzes	Gilberto caldas			22/08/61
44533	08/08/61	ge	Pedreira	José Maria Gandolfi			29/09/61
29946	12/06/61	gin	Jundiaí	Luís Forte Netto			06/11/61
35704	07/07/61	ge	Taubaté	Joaquim Guedes			16/11/61
41012	27/07/61	ge	Guapiaçu	José Maria Gandolfi			06/02/62

ge=grupo escolar, gin=ginásio;

Escalação: data da definição e convite, por parte do Ipesp, do arquiteto;

OS: data da assinatura da ordem de serviço

O projeto de Abrahão Sanovicz para o Ginásio Prof. Luiza Macuco em Santos¹³ faz parte deste tardio conjunto de projetos contratados junto a arquitetos que passaram a desenvolver a

¹³ Proc. IP 47856 de 22/08/1961, OS 12/02/1962 recibo não consta; contrato 26/10/1962 (Caruso e Monteiro Ltda.); habite-se 15/05/1964; inauguração 21/05/1964.

linguagem criada por Artigas – ainda que deva ser melhor analisada a clara influência de Paulo Mendes da Rocha sobre vários destes arquitetos. Apesar das sucessivas prorrogações de prazo, que era definido por contrato em 8 meses, a obra é executada sem maiores problemas, destacando-se apenas algumas omissões nas plantas de ferragens e a inclusão de estribamento nas nervuras, não prevista inicialmente pelo engenheiro Aluizo D'Avila, que chega a ser questionado sobre a necessidade de se prever articulações nas bases dos pilares externos. Após a elevação das vias adjacentes pela prefeitura local, o prédio sofre com inundações devido ao acúmulo das águas pluviais, como anota o engenheiro do Ipesp Eliberto di Giaimo em 26/07/1967.



Figura 54
Abrahão Sanovicz, Grupo escolar Bairro Macuco, Santos: fachada com fechamento em alvenaria, elementos vazados, portão e toldo



Figura 55
Abrahão Sanovicz, Grupo escolar Bairro Macuco, Santos: fachada posterior com fechamento em alvenaria ao centro



Figura 56
Abrahão Sanovicz, Grupo escolar Bairro Macuco, Santos: galpão, tendo acima à esq. Cobertura de ligação com novo bloco



Figura 57
Abrahão Sanovicz, Grupo escolar Bairro Macuco, Santos: salas de aula com quadra e ampliação do galpão à dir.

Porém, já em 24/02/1965 a diretora da escola enumera em ofício ao Ipesp o que julga ser deficiências: aberturas que fazem com que o edifício se torne “verdadeiro túnel de vento”, “onde em dias de chuva e vento é insuportável aos funcionários que ali devem permanecer para vigilância dos alunos, além de facilitar a circulação de toda espécie de lixo e servir de esconderijo a marginais, durante a noite”, problemas de estanqueidade e segurança nas janelas de alumínio

de amplos panos de vidro, ausência de “ripas nas lousas das salas de aula, com o fim de evitar a queda de fragmentos de giz no chão” – o que remete ao detalhe de Artigas em Itanhaém. Aqui, percebe-se que as intervenções são recorrentes: fechamento das extremidades frontais e posteriores com a instalação de portões e grades (fig. 54, 55, 58, 59); ampliações sucessivas aproveitando a projeção da ampla laje nervurada (fig. 54, 55, 61); substituição de esquadrias especiais por basculantes; acréscimos de volumes adjacentes sem critérios (fig. 60, 63).



Figura 58
Abrahão Sanovicz, Grupo escolar Bairro Macuco, Santos: nova sala e grades de proteção (à dir.)



Figura 59
Abrahão Sanovicz, Grupo escolar Bairro Macuco, Santos: parede, portão e grade na fachada frontal



Figura 60
Abrahão Sanovicz, Grupo escolar Bairro Macuco, Santos: parede elevada sobre viga apoiando telhas de fibrocimento



Figura 61
Abrahão Sanovicz, Grupo escolar Bairro Macuco, Santos: vão central ocupado por novas salas (biblioteca)



Figura 62
Abrahão Sanovicz, Grupo escolar Bairro Macuco, Santos: galpão



Figura 63
Abrahão Sanovicz, Grupo escolar Bairro Macuco, Santos: salas de aula com quadra

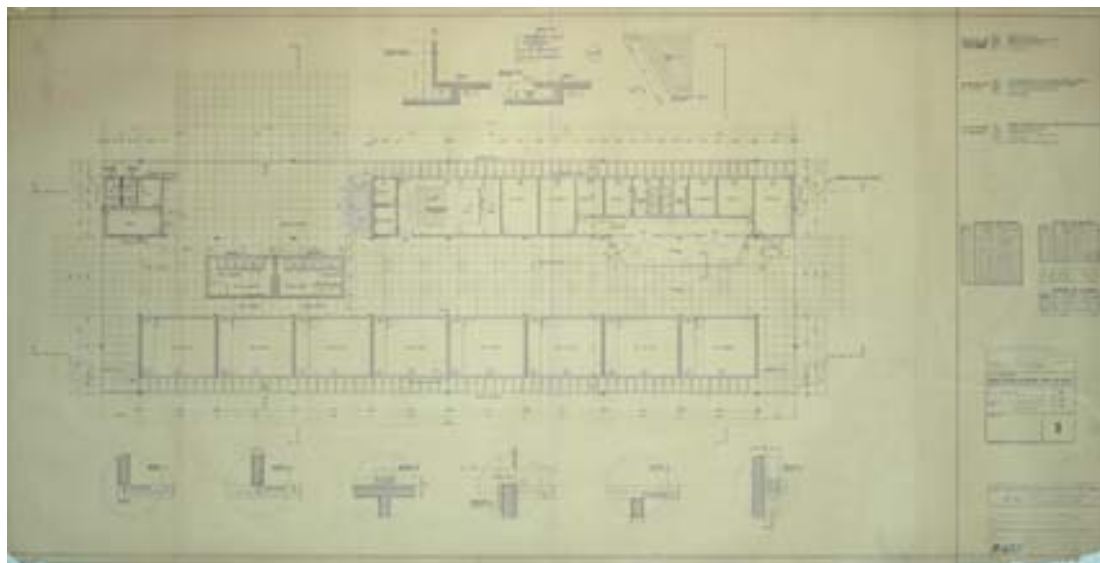


Figura 64: Abrahão Sanovicz, Grupo escolar Bairro Macuco, Santos: planta baixa
Coef. red=1/5 esc. principal 1:500

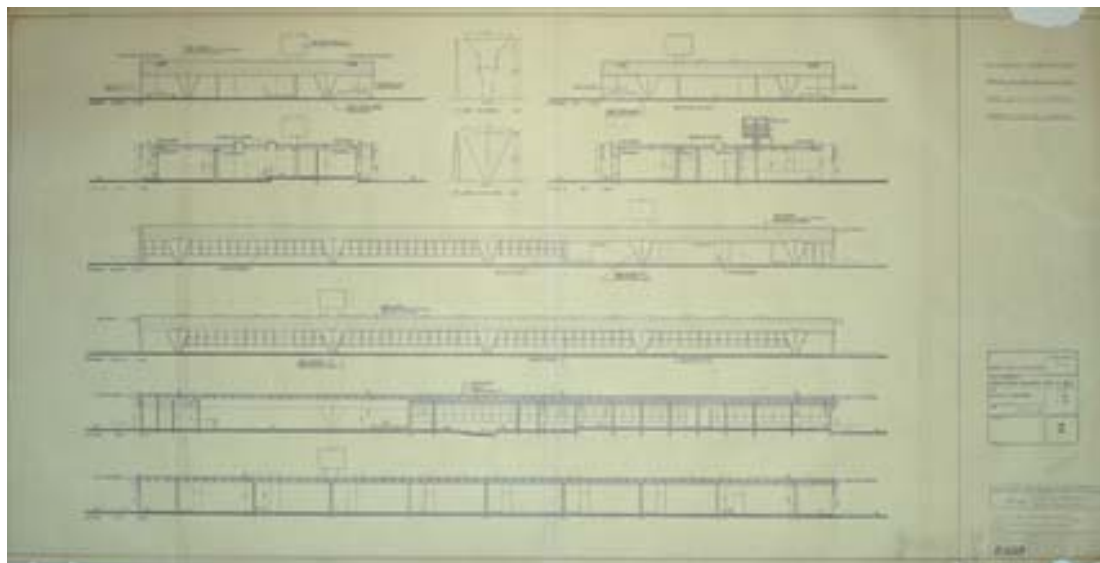


Figura 65: Abrahão Sanovicz, Grupo escolar Bairro Macuco, Santos: cortes, elevações e detalhes
Coef. red=1/5 esc. principal 1:500

3.4. Outras duas obras de grande porte

Como foi indicado, aqueles arquitetos que poderíamos provisoriamente definir como reunidos em torno de Artigas não possuem participação expressiva na produção de projetos de edifícios de grande porte. O projeto de Maurício Tuck Schneider para o Colégio Estadual e Escola Normal de Mauá¹⁴ constitui uma exceção precoce. O processo revela que já na etapa de fundações a solução de estacas do tipo Staruss não se revelou viável, apelando-se novamente a parecer de Sigmundo Golombeck, e adoção de outro tipo de fundação; cerca de um mês depois, a firma construtora propôs ao Ipesp a substituição de oito pendurais por pilares, alegando vantagens em termos de menores deformações lentas. Ainda que aparentemente a supressão dos pendurais tenha se dado na parte correspondente ao galpão (à dir. nas fig. 66 e 67), não se pode dizer com certeza em qual parte da edificação tais modificações incidiram, porém, o fato é que no dia 24/03/1962 o terceiro setor da construção, ou setor C – praça de esportes – desabou parcialmente, causando a morte de dois operários. O Ipesp chegou a requerer na justiça uma vistoria “ad perpetuum rei memoriam” com todos os envolvidos, o que não ocorreu. Somente em 04/06/1966 o Ipesp autoriza a ocupação do prédio, sem implicar em seu recebimento. Apesar do termo aditivo de 02/12/1964, que acordava a reconstrução da do ginásio, esta nunca foi executada; em requerimento à Secretaria de Educação aprovado pela Câmara Municipal de Mauá em 08/03/1967, comunica-se a interdição, por parte da firma construtora, do pavimento superior do edifício, aparentemente sem razão. É interessante notar um trecho dos despachos em que se afirma que “estando, como consta-me estar, dita empreiteira, em vésperas de efetuar outro contrato com o Instituto, seria o caso de ser posta a Procuradoria a par de seus termos”, para “chegar-se a um acordo neste e em qualquer outro processo...”.



Figura 66
Maurício T. Schneider, Colégio Estadual e Escola Normal, Mauá: maquete abrigada no saguão do prédio



Figura 67
Maurício T. Schneider, Colégio Estadual e Escola Normal, Mauá: maquete abrigada no saguão do prédio

¹⁴ Proc. IP 18759 de 23/06/1959, OS 76/04/1960, recibo 28/10/1960, 14/03/1961; contrato 11/04/1960 (Sociedade Imobiliária e Construtora Guarantã Ltda.); habite-se: não consta; inauguração: não consta.



Figura 68
Maurício T. Schneider, Colégio Estadual e
Escola Normal, Mauá: aspecto externo



Figura 69
Maurício T. Schneider, Colégio Estadual e
Escola Normal, Mauá: aspecto externo



Figura 70
Maurício T. Schneider, Colégio Estadual e
Escola Normal, Mauá: galpão



Figura 71
Maurício T. Schneider, Colégio Estadual e
Escola Normal, Mauá: escada



Figura 72
Maurício T. Schneider, Colégio Estadual e
Escola Normal, Mauá: corredor das salas de
aula



Figura 73
Maurício T. Schneider, Colégio Estadual e
Escola Normal, Mauá: sala de aula

É interessante notar que na mesma época desta movimentação está em andamento providências relativas à construção do ginásio de Utinga, de Vilanova Artigas¹⁵ - na verdade, classificado como Colégio Estadual Tipo II. Como diversos casos do ano de 1962, último da gestão Carvalho Pinto, não chegou a ser firmado contrato com o vencedor da concorrência realizada em outubro daquele ano. Porém, este torna-se o único caso em que, sob a administração estadual de Adhemar de Barros, o Ipesp realiza nova concorrência e firma contrato no ano de 1964, com a Construtora Garantã. A obra tem início com a escavação de tubulões, porém é logo paralisada por não ter o Instituto previsto empenho naquele exercício. Em novembro de 1965 a Secretaria de Estado de Educação chega a pedir o processo para o FECE prosseguir a construção, mas o devolve, solicitando “inclusão na relação com prioridade”; no início de 1966 documentos do Ipesp recomendam a devolução do terreno à doadora, como ocorria em todos os demais casos, ou a transferência ao Estado. Em 1967 o debate em torno deste processo se acirra; é enviado em 07/07/1967 para atualização de preços tendo em vista a elaboração de um termo de retificação, inclusive com a determinação direta do governador em 24/07/1967, e a construtora envia correspondência confirmando aceitação de termos, ao mesmo tempo em que descreve como ela patrocina o rearranjo do projeto arquitetônico com o seu autor, aumentando o número de salas de 20 para 30 e fazendo outras alterações, visando o “bom atendimento ao público de Utinga”. Na verdade, estabelece-se um embate direto entre o Conselho Administrativo do Ipesp e o seu presidente, nos pareceres de 03/04/1967 e 09/04/1967, respectivamente, com o argumento de que poderiam ser construídos cerca de três ginásios de 22 salas com a quantia a ser contratada. Finalmente o termo aditivo é firmado em 20/09/1968, sendo a obra inaugurada “no aniversário da revolução”, passando a chamar-se “Ginásio 31 de Março”, como placa afixada existente ainda hoje relembra.



Figura 74
Vilanova Artigas, Ginásio de Utinga, Santo
André: aspecto externo



Figura 75
Vilanova Artigas, Ginásio de Utinga, Santo
André: aspecto externo

¹⁵ Proc. IP 10137 de 26/02/1962, OS 07/04/1962, recibo 26/12/1962; contrato 25/03/1964 (Construtora Garantã Ltda.); habite-se: 19/02/1970; inauguração: 31/03/1970.



Figura 76
Vilanova Artigas, Ginásio de Utinga, Santo André: segregação da circulação de alunos



Figura 77
Vilanova Artigas, Ginásio de Utinga, Santo André: circulação das salas de aula, tendo ao centro abaixo acesso controlado por grades



Figura 78
Vilanova Artigas, Ginásio de Utinga, Santo André: quadra de esportes



Figura 79
Vilanova Artigas, Ginásio de Utinga, Santo André: quadra de esportes, com cobertura em peças de concreto pré-moldado substituída



Figura 80
Vilanova Artigas, Ginásio de Utinga, Santo André: grade e portão controlando acesso à administração, na porção frontal do prédio



Figura 81
Vilanova Artigas, Ginásio de Utinga, Santo André: grade e portão controlando acesso à administração, na porção média do prédio

Logo após a sua inauguração, apresenta problemas relativamente simples referentes aos trincos das janelas maximo-ar e despregamento de revestimentos, ao lado do descobrimento de armaduras, que resultam na proposição de ação ordinária contra a construtora. É mencionada ainda a ausência, num primeiro momento, de muros de fecho, suprida pela prefeitura local, que torna o prédio vulnerável a invasões. Acréscimos posteriores confirmam esta tendência de enclausuramento: o grande acesso é fechado com grades e utilizado como estacionamento (fig. 76 e 77) e há grades instaladas mesmo internamente ao prédio (fig. 80 e 81, 83).



Figura 82
Vilanova Artigas, Ginásio de Utinga, Santo André: pavimento inferior tendo à dir. parede delimitando quadra de esportes na porção posterior do prédio



Figura 83
Vilanova Artigas, Ginásio de Utinga, Santo André: pavimento inferior, tendo à dir. quadra de esportes na porção média do prédio, meio pé-direito acima

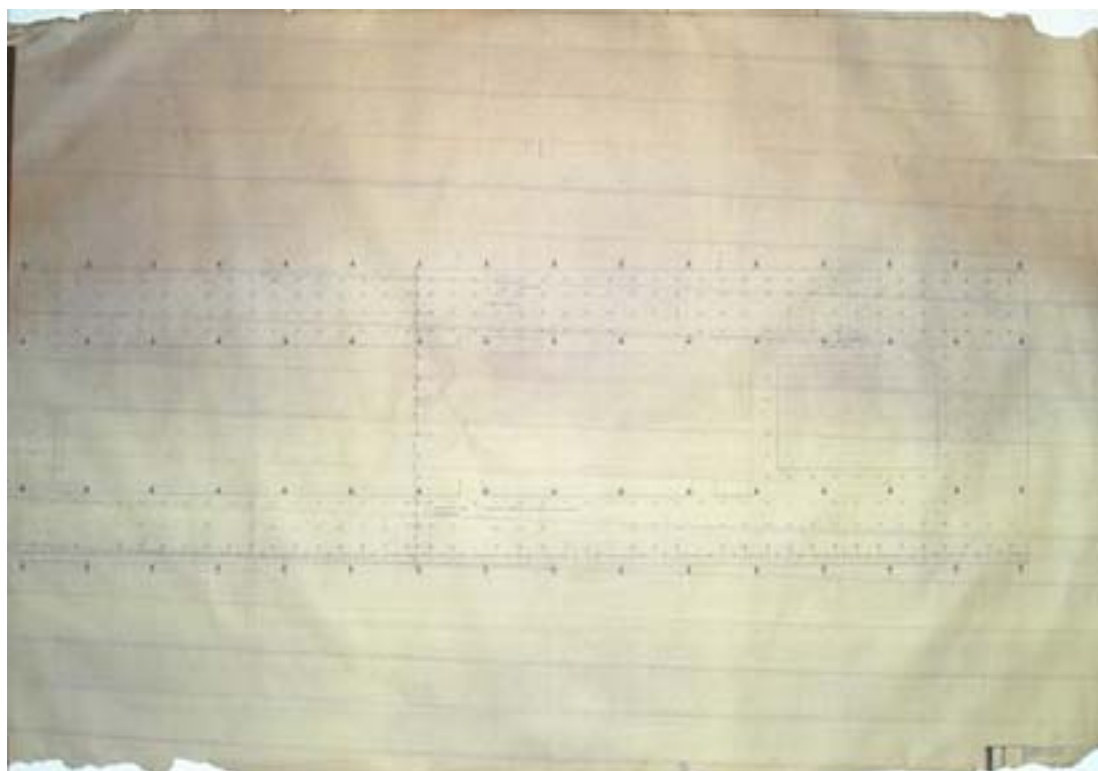


Figura 84: Vilanova Artigas, Ginásio de Utinga, Santo André: planta baixa de locação da estrutura
Coef. red=1/10 esc. principal 1:1000

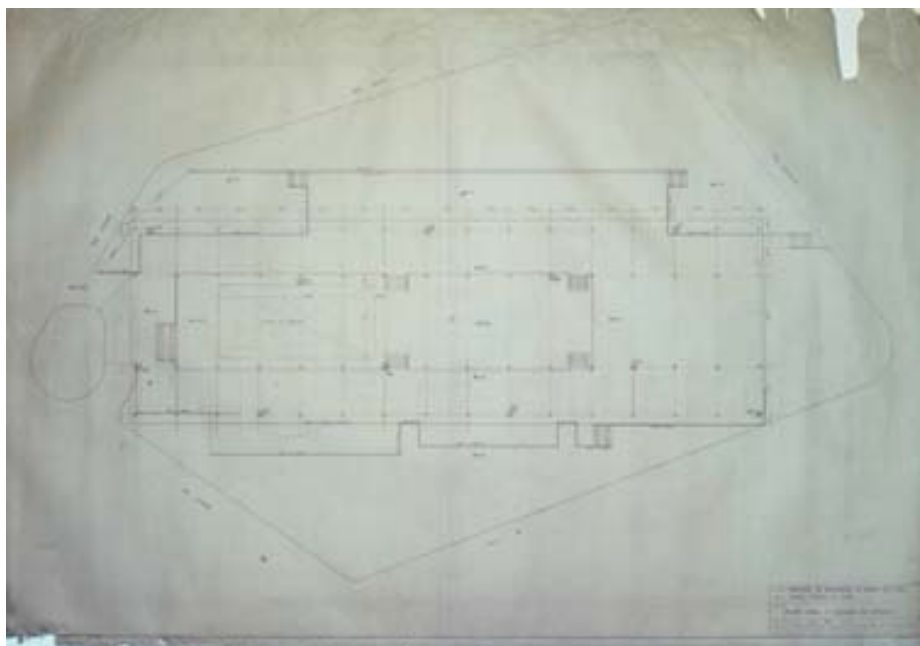


Figura 85: Vilanova Artigas, Ginásio de Utinga, Santo André: locação geral e marcação das sondagens (autoria Construtora Guarantã S/A, 1968) Coef. red=1/7,5 esc. principal 1:1500

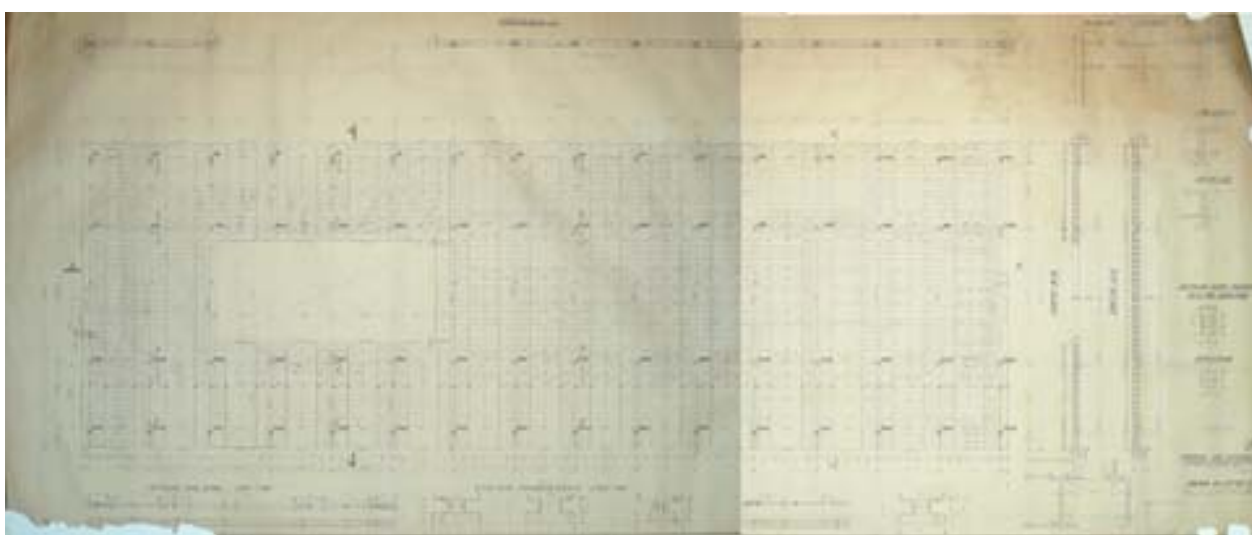


Figura 86: Vilanova Artigas, Ginásio de Utinga, Santo André: formas do 2º teto (autoria Roberto Rossi Zuccolo) Coef. red. indefinido; s/ esc.

Deve-se notar ainda a substituição da cobertura impermeabilizada e dos elementos premoldados em “T” que forneciam a iluminação zenital às quadras por cobertura em águas apoiada em estrutura metálica (fig. 79), com rufos aparentes ao longo dos perímetros da construção, solução que estende-se a outras edificações construídas à época com lajes impermeabilizadas. Uma análise comparativa entre as versões elaboradas para este ginásio, especialmente a partir das plantas normalmente publicadas, coloca novas questões sobre sua arquitetura. Em primeiro lugar, a proposta de pré-fabricação, com projeto estrutural do engenheiro Roberto Rossi Zuccolo e que utilizava protensão nas vigas mais exigidas, que não se realiza; e, segundo lugar, a aparentemente perda que sofre, com o aumento de número de salas de aula, em termos da ventilação e iluminação e da própria permeabilidade, especialmente das porções inferiores (fig. 82

e 83). Finalmente, as mesmas questões colocadas anteriormente sobre a relação entre as grandes dimensões do equipamento e sua presença na vida da cidade ou, no caso, do bairro em que se insere se repetem; se conseguem ser bem resolvidas no caso de Mauá, em Utinga materializam de forma dramaticamente negativas, a exemplo do caso do prédio de Itanhaém.

Conclusão

O estudo histórico, e mesmo da evolução da historiografia da arquitetura escolar paulista mostra-se fundamental para a sua preservação, desde o momento em que coloca, num ambiente marcado por leituras enviesadas, a questão: o que preservar? Ainda que longa, revela-se útil e mesmo necessária, assim, uma abordagem que parta da discussão acerca dos significados e valores reproduzidos pela historiografia, passando pela sistematização de dados sobre esta produção e, finalmente, uma forma de análise de casos que os situem no processo histórico de que fazem parte e no universo cotidiano de sua produção e uso, através da utilização de bases documentais que revelem dados de seus primeiros anos de vida. Este trabalho constitui uma primeira tentativa neste sentido; não pretendendo esgotar nenhum destes aspectos – principalmente aquele referente à diversidade de arquiteturas vigentes na São Paulo da virada da década de 1960 –, ao mesmo tempo em que procura, através de construção ainda preliminar de um caminho para a leitura da produção em questão e da análise de tantos exemplos quanto possível dentro dos limites de espaço propostos, efetuar uma síntese que possa constituir pequena contribuição para o debate acerca da documentação e preservação do patrimônio arquitetônico moderno.

Referências

- ALVES, André Augusto de Almeida. *Arquitetura e sociedade em São Paulo, 1956 – 1968: projetos de Brasil moderno*. 2003. Dissertação (Mestrado em Estruturas Ambientais Urbanas) – FAUUSP, São Paulo, 2003.
- ARTIGAS, João Batista Vilanova. *Sobre escolas...* Acrópole, São Paulo, n. 377, p. 10-3, setembro, 1970.
- CORRÊA, Maria Elizabeth Peirão; NEVES, Helia Maria Vendramini e MELLO, Mirela Geiger de. *Arquitetura escolar paulista 1890 – 1920*. São Paulo: FDE, 1991.
- DUARTE, Hélio de Queiroz. *Escolas-classe escola-parque: uma experiência educacional*. São paulo: FAUUSP, 1973.
- FERREIRA, Avany de Francisco; MELLO, Mirella Geiger de (Org.). *Arquitetura escolar paulista: anos 1950 e 1960*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.
- FREITAS, José Olavo. “Educação e escola”. *Engenharia Municipal*, ano IV, v. IV, n. 13, p. 4, abril/ junho, 1959.
- PENTEADO, Fábio. *Vilanova Artigas, construtor de escolas*. Acrópole, São Paulo, n. 377, p. 8, setembro, 1970.
- ROCHA, Paulo Archias Mendes da. *Edifícios escolares: comentários*. Acrópole, São Paulo, n. 377, p. 35, setembro, 1970.
- SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas escolares*. *Projeto*, São Paulo, n. 87, p. 64-5, maio, 1986.
- SEGAWA, Hugo. *Construção de ordens: um aspecto da arquitetura no Brasil, 1808 – 1930*. 1988. Dissertação (Mestrado em Estruturas Ambientais Urbanas) – FAUUSP, São Paulo, 1988.

VALENTIM, Fabio Rago. Casas para o ensino: as escolas de Vilanova Artigas. 2003. Dissertação (Mestrado em Estruturas Ambientais Urbanas) – FAUUSP, São Paulo, 2004.

WOLFF, Silvia Ferreira Santos. Espaço e educação: os primeiros passos da arquitetura das escolas públicas paulistas. 1992. Dissertação (Mestrado em Estruturas Ambientais Urbanas) – FAUUSP, São Paulo, 1992.